

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL JOSÉ HNÇA

A VISÃO DE JULIO MESQUITA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA ALIANÇA,
COM ÊNFASE NO IMPÉRIO TURCO-OTOMANO NA PRIMEIRA GRANDE
GUERRA

CURITIBA

2014

RAFAEL JOSÉ HNÇA

A VISÃO DE JULIO MESQUITA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA ALIANÇA,
COM ÊNFASE NO IMPÉRIO TURCO-OTOMANO NA PRIMEIRA GRANDE
GUERRA

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães.

Coorientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

Curitiba

2014

Aos meus alunos e ex-alunos, os quais sempre foram a grande motivação para eu seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de me desculpar, por todos aqueles aqui não citados e a forma simplória de meus agradecimentos, todos merecem mais que um simples obrigado, mas daria um livro se eu agradecesse cada um como realmente merecem.

Gostaria de agradecer minha família, minha mãe Cristina de Fátima Velloso, minha irmã Iohanan Fernanda Hinça, minha avó Maria Cardoso Velloso e meu tio Celso Tadeu Velloso pelo apoio incondicional sobre todas as decisões que tomei, sem tal apoio eu nada teria conseguido.

Quero agradecer a todos meus professores que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e conseqüentemente para a realização desse trabalho, à professora orientadora Marcella Lopes Guimarães que gentilmente aceitou trabalhar comigo em um texto, uma experiência única que não se tem em sala de aula e que muito me fez crescer e por toda a ajuda burocrática, mas quero agradecer especialmente ao meu coorientador professor Dennison de Oliveira, não apenas pela orientação, mas por acreditar e confiar em mim, não apenas nesse trabalho, mas nas diversas oportunidades que me foram possibilitadas, assim como a amizade cultivada. Aproveito também para agradecer a professora Joseli Mendonça que me ajudou a perceber a história por outros prismas de problematização. Agradeço aos meus companheiros de jornada acadêmica, em especial aos amigos Cláudio Trevisan, Vinícius Paludo e Fernanda Micoski da Costa, não apenas amigos, mas cúmplices de estudo e de vários trabalhos juntos, onde era tal o entendimento entre nós que nem ao menos precisávamos planejar nossas atividades, sem vocês eu não teria desfrutado minha graduação como fiz, pessoas simplesmente fantásticas.

Gostaria de agradecer também aos meus colegas de trabalho, das escolas em que trabalhei, em especial atenção para os amigos Osmário R. dos Santos, Sibeles Loss, Geneci Oliveira, Lorena Vieira Denis, Eduardo Scherer, Marcelo Cesar Rodrigues, Josué Matoski, Hugo Henrique Amorim Batista, Ademir Santos, Jaqueline Souza, Dinair Ribeiro Moraes e Elza Barboza dos Santos por tudo que me ensinaram, se hoje gosto da minha profissão, saibam que os culpados são vocês. Sem esquecer dos meus alunos, com os quais muitos hoje tenho grande amizade e em tão alta estima.

Agradeço aos meus amigos Sandro Moura Veiga, Daniel Sbrissia Ferreira, Eduardo Dias de Lima, Alessandra Prado Lima, Eude Maciel e Roberta Broda pelo companheirismo e ajuda durante essa caminhada, sem esquecer dos companheiros de jogo da Dinastia: Lucas “o boi” Paiva, “Mãe Erixa” Denise Santos, Thais Affonso “Líthia” Novaes, Alex “filho de Garrosh” Gomes, Victor “Trubufa” Melo, Perseu “Dox” Antunes Pereira, Marco Antônio “Kuca”, Paulo César “Anaya” da Silva por todas as raids que tanto ajudaram a distrair a mente e pelas ótimas risadas madrugadas a dentro. Agradeço a Mayara Regina Lourenço por ser meu foco e por ser a pessoa que faz com que eu sempre melhore a cada dia, por me deixar tentar ser invencível ao seu lado. Por último, mas não menos importante a Desirre Cavalheiro da Silva, cujo apoio, principalmente nos últimos momentos desse trabalho foi imprescindível, sem tal ajuda seria impossível superar alguns revezes pessoais, obrigado.

RESUMO

Diante dos inúmeros conflitos mundiais da nossa atualidade, raramente nos remetemos para o momento em que esse novo modelo de guerra se formou. Da mesma forma, vemos a cobertura jornalística dos principais meios de comunicação geralmente de apenas um dos lados da guerra. Esse trabalho tem por objetivo problematizar essa abordagem jornalística nos boletins semanais de Julio Mesquita publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* durante a Primeira Grande Guerra, verificando o posicionamento e intencionalidade do jornalista ao tratar principalmente dos Impérios Centrais, com uma análise específica do Império Turco-Otomano. Ao estabelecer tal análise, pretende-se confrontar com a bibliografia disponível as ideias de jornalismo neutro e de discursos de construção de convencimento, problematizando o contexto em que Julio Mesquita está inserido, assim como os recursos de informação disponíveis para a realização dos semanários. Estabelece-se como objetivo deste trabalho o questionamento não apenas midiática, mas também historiográfico sobre o tema, já que a escassez de bibliografia especializada no Brasil sobre o tema é alarmante.

Palavras-chave: Imprensa de Guerra, Primeira Grande Guerra, Julio Mesquita.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Crítica às evidências históricas	8
2.1. Revisão Bibliográfica	12
3. Os semanários de Julio Mesquita	15
3.1. A Abordagem do pangermanismo por Mesquita	23
3.2. Por que lutar? As posições dos neutros e adesões de guerra	25
3.3. Análise da linguagem e perspectiva da guerra para Julio Mesquita	29
3.4. O valor dos soldados no front	32
4. A Turquia percebida pelo olhar de Mesquita em seus semanários	35
4.1. As vitórias turcas de Galípoli	37
4.2. A revolta árabe	40
5. Considerações Finais	43
Fontes	49
Referências Bibliográficas	50

1. INTRODUÇÃO:

Ano 2014, inúmeros eventos ocorreram no Brasil e no mundo em referência aos 100 anos do início da Primeira Grande Guerra, até então praticamente esquecida, à sombra da irmã mais jovem, a Segunda Guerra Mundial e não é para menos. O genocídio judeu ocorrido durante o conflito, milhões de mortes civis, políticas de extermínio, forças aéreas, marinhas e exércitos mais modernos e mortais e tudo isso sem contar o terror das duas bombas nucleares lançadas sobre o Japão. Entretanto, olvidado tanto quanto a Primeira Grande Guerra é o extermínio cigano, homossexual e de outras “minorias” destroçadas pelo nazismo. A abominação dos regimes totalitários apoiados no apelo midiáticos, sobretudo dos cinemas, controlados em muito justamente pelos judeus (seja tanto nos EUA quanto na Europa), ajudaram a dar mais enfoque ao segundo grande conflito, ignorando-se em muito o primeiro.

Foi essa negligência midiática sobre a Primeira Grande Guerra que despertou meu interesse, muito pouco se falava sobre as tecnologias de guerra, como se fazia a guerra, geralmente esse grande conflito fica à sombra até mesmo da Revolução Russa, que durante a guerra fria se tornará algo muito polêmico, e novamente a guerra cai no esquecimento. Quando fui buscar mais informações sobre a Primeira Grande Guerra, tive alguma frustração, pois a imensa maioria da bibliografia existente é apenas narrativa, sendo poucas as obras no Brasil dedicadas à problematização do conflito, e na maioria das vezes, essa problematização está dentro de uma obra que apresenta outra discussão, apresentada apenas como uma forma de contextualizar alguma ideia. Sabendo disso, senti-me desafiado a estudar o tema, impulsionado por meu orientador na época, o professor Dennison de Oliveira que comprou a briga, parafraseando-o “se o tema da pesquisa tiver guerra, mortes e pancadaria, é com a gente mesmo”, satirizando seu então objeto de estudo, a Segunda Guerra Mundial. Então entra um outro problema, a pouca bibliografia trabalhava um império remanescente desde a queda do Império Bizantino, seriam os Turco-Otomanos, citados como participantes em prol das Potências Centrais, mas com raríssima referência, lá fui eu me sentir desafiado novamente, pois julgo importante estabelecer um estudo, mesmo que inicial, preliminar de um tema pouco trabalhado, no qual acredito eu, somente ganhará novo impulso daqui a quatro anos, em 2018 nas comemorações dos 100 anos do final do grande conflito.

Em contato com os semanários de Julio Mesquita, por indicação do professor Dennison, resolvi adotar esse compilado jornalístico para analisar e eis que surge a minha

problemática: Qual a visão de Julio Mesquita sobre a participação dos Impérios Centrais na Primeira Guerra Mundial e em especial, como Mesquita vê a participação dos turcos na guerra? E como essa perspectiva de Mesquita foi construída? A partir de que ponto?

Esse era um projeto para ser concluído em meados de 2013, porém cada vez que eu conseguia acesso a uma bibliografia diferente (muitos livros estão esgotados, edições antigas, raríssimas disponibilidades até mesmo em sebos), minha perspectiva se alterava e eu recomeçava a escrever. Ao entrar em 2014 (100 anos do início do conflito) imaginei que seria um ano com algumas novidades bibliográficas, e confirmando minhas expectativas, publicaram-se algumas obras referentes ao tema no Brasil, o que novamente me fez repensar meu trabalho. Longe de ser uma referência no assunto, acredito que consegui trazer uma perspectiva diferente do que apresentado em alguns artigos publicados recentemente, dos quais principalmente cito Malatian¹ e Pereira². Ambas as autoras com ótimos textos, mas com o apoio de outra bibliografia, acabei por discordar mesmo que parcialmente de tais abordagens. Assim como da obra referência de Garambone³ sobre a imprensa brasileira, possui uma percepção dobre o discurso jornalístico que eu, ao fazer uma análise histórica, discordo em ponto de vista.

Ainda problematizando a questão, por que estudar a Primeira Grande Guerra? Discordando do meu então orientador na época da idealização desse projeto, acredito ser esse conflito maior do século XX, considerando a inauguração em larga escala do conceito de guerra total (obviamente que a Segunda Guerra Mundial horrendamente aprimorou o conceito), aviões que não possuíam sistema de bombardeio, sendo as bombas atiradas com as mãos, submarinos sem seu principal meio de orientação, o sonar que ainda não tinha sido desenvolvido, tudo isso sem contar os horrores de uma trincheira, as condições de saúde e os desgastes econômicos e populacionais. Com tudo isso ainda, a Primeira Guerra Mundial estabelece uma gênese para a Segunda Guerra Mundial, além das raízes da guerra fria.

¹ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

² PEREIRA, Aline Andrade. *A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização das notícias: do título à manchete*. Jornal da Rede Alcar, v. 1, PP. 1 – 7, 2013.

_____. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação, 2012.

³ GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

2. CRÍTICA ÀS EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS:

Trabalhar com fontes jornalísticas impressas nos trazem certas possibilidades e também limitações. Primeiramente devemos observar dois aspectos: o primeiro deles é a proximidade (temporal) que o jornalista tem do evento que narra, o segundo é o distanciamento (também temporal) do historiador que faz uso dessas fontes. Segundo Oliveira,

“o historiador deve levar em conta que sua fonte não é um documento ‘puro e cristalino’ que contenha todas as verdades. É importante dialogar com essas fontes, fazer entrecruzamentos com outras informações e, às vezes, buscar as razões do seu silêncio ou de sua omissão. Acima de tudo, o historiador procura manter o seu olhar crítico, pois considera que a objetividade da notícia de um texto jornalístico é ‘vista como uma falácia, até para o mais ingênuo dos profissionais’”⁴.

Dessa maneira, o alcance do historiador é reinterpretar os fatos que foram interpretados pelo jornalista, que possui uma inserção social assim como uma subjetividade própria.

As fontes primárias utilizadas para esta monografia são os boletins semanais escritos por Julio Mesquita, publicados no periódico *O Estado de S. Paulo* entre as datas 06/08/1914 e 14/10/1918. Tal coleção de publicações está disponível no site do referido jornal para assinantes, que podem acessar o conteúdo integral das edições do jornal, mas também, e aqui é o caso utilizado, uma compilação desses semanários publicada em quatro volumes denominada *A Guerra (1914 – 1918) por Julio Mesquita*. Foi escolhido trabalhar com essa compilação pela facilidade de manuseio, já que foi verificada a fiabilidade e equivalência das publicações.

Julio Mesquita, importante jornalista do final do século XIX e início do século XX⁵, escreveu os semanários enquanto proprietário do jornal, o que nos leva a perceber que as opiniões apresentadas em tais boletins eram as tendências do jornal como um todo (ao menos

⁴ OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808 – 1930). In. Revista *Historiæ*. V. 2, n. 3, Rio Grande: FURG, 2011, P. 126.

⁵ Mais informações sobre o jornalista, sua formação e atuação no jornal, podem ser encontradas em CALDEIRA, Jorge. Julio Mesquita, fundador do jornalismo moderno no Brasil. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 21 – 33. V. 1, e também no histórico do Grupo Estado <http://www.estadao.com.br/historico/resumo/cont11.htm> (acesso em 13/09/2014).

oficialmente) e não era submetido ao crivo da editoração. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicava diariamente boletins recebidos por telegramas de várias agências de notícias internacionais referentes aos andamentos da Primeira Grande Guerra, e é esse um dos pontos importantes para se entender os semanários escritos e publicados por Mesquita. A principal agência fornecedora de informações utilizadas para esses boletins diários era a agência francesa Havas e em menor escala, o que Mesquita lamenta em vários momentos, os boletins semanais do consulado inglês no Brasil. Com muita raridade eram considerados boletins diversos, como da agência alemã Wolff.

Realizar um trabalho historiográfico sobre uma fonte jornalística pode gerar alguns problemas, os principais deles são as ideias de neutralidade e verdade. A neutralidade no jornalismo se refere ao não engajamento e/ou doutrinação intencional no texto midiático. Observando o trabalho jornalístico de um ponto mais afastado, é fácil apontar a inexistência de neutralidade, pois a simples escolha de qual notícia publicar, em qual parte do jornal será publicado e mesmo a estrutura da manchete, todas essas escolhas são carregadas de intencionalidade. O mesmo problema se apresenta com a ideia de verdade, que para o jornalismo, o fato é a imagem da verdade enquanto que, para nós da área de história, a verdade é uma das interpretações do fato. Pereira aborda essas perspectivas em seu texto⁶, porém ainda sustenta o discurso de neutralidade e verdade para o jornalismo. Como nosso objetivo aqui é fazer uma interpretação historiográfica dos boletins semanais de Mesquita, e não uma análise jornalística, considero importante problematizar esses dois conceitos de Verdade e neutralidade.

Entretanto, esse trabalho não tem por finalidade desmerecer ou invalidar o trabalho de Mesquita, assim como de qualquer outro jornalista, mas sim perceber que a leitura dos fatos do ponto de vista jornalístico é diferente do ponto de vista histórico e assim sendo, que existe um parcialismo direto no discurso de Mesquita. Julgo importante ressaltar que as fontes jornalísticas são de vital importância para o estudo da história, são registros do cotidiano de importância incomensurável, porém não podemos negligenciar a existência da intencionalidade do jornalista do ponto de vista histórico, assim como a ideia do jornalismo verdade é mais marqueteira que funcional, já que a exposição de um fato por um texto, imagem ou qualquer outra forma de divulgação, possui a intenção de que expõe.

⁶ PEREIRA, Aline Andrade. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação, 2012.

Antes de qualquer outra análise, se faz necessário tentar entender o pensamento de Mesquita na redação de seus semanários. Verifico aqui duas possibilidades de interpretação, situação que é impossível de ser resolvida com uma boa margem de segurança nesse trabalho. Julio Mesquita, como importante jornalista brasileiro que foi em sua época, provavelmente conhecia os estratagemas da imprensa, assim sendo, seu posicionamento nas publicações dos semanários da guerra foram exatamente o oposto do que ele mesmo alega:

“Não falta quem atribua à má vontade de O Estado contra os alemães, ou pelo menos à parcialidade, o fato de nos guiarmos nestes despreziosos comentários pelas informações recebidas de Paris e, principalmente, pelas que dia a dia o governo francês fornece ao mundo. Atribuir a O Estado má vontade contra os alemães é injustiça [...]. Nem parcialidade existe nestes comentários, ou se existe, é porque nos é inteiramente impossível evitá-la”⁷.

Mas qual a base pra afirmar isso? Ao longo da leitura de todos os boletins fica claro o posicionamento pró-Entente de Mesquita, fruto de uma limitação humana, política e cultural do jornalista diante dos acontecimentos na Europa. Exponho aqui uma breve apresentação do conflito: A Primeira Grande Guerra se inicia num conflito entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia, logo após tal evento é seguida pela invasão alemã em Luxemburgo, Bélgica e França. Estabelecidas as forças iniciais, com os Impérios Centrais contando com o Império Alemão e o Império Austro-Húngaro, posteriormente Império Turco-Otomano e Bulgária, enquanto a Entente era formada por Inglaterra, França e Rússia, contando posteriormente com Portugal, EUA e até mesmo o Brasil, dentre outros. Devido ao aparato bélico privilegiar a defesa, com o desenvolvimento de armas, como por exemplo, metralhadoras, granadas de fragmentação, artilharia, trincheiras, aviação, dentre outras tecnologias. Isso impossibilitava o avanço constante de tropas sem quantidades terríficas de baixas. Dessa maneira, as frentes de batalha ficam estagnadas e a guerra se passa a ser disputada palmo a palmo. Apenas com o esgotamento alemão em 1918 aliado às forças renovadas da Entente com a entrada dos EUA no conflito (não apenas soldados, mas com dinheiro) e ainda, com novas tecnologias que possibilitaram a mobilidade, como os tanques de guerra, novos aviões, o aperfeiçoamento da guerra química, por exemplo, somente assim os Aliados começam a resolver a guerra⁸.

⁷ MESQUITA, Julio. O militarismo. 21 de dezembro de 1914. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 129. V. 1.

⁸ Obras com referências narrativas: FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014; HOWARD, Michael Eliot. *A primeira Guerra Mundial*. Porto Alegre: L&PM, 2011; TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998 e WILLMOTT, H. P. *Primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Não apenas Julio Mesquita, mas boa parte da chamada “elite intelectual” brasileira, possuíam em diferentes escalas, admiração e até mesmo vínculos com a França, o que ajuda a explicar o posicionamento de Mesquita. A Entente seria o grande exército da libertação do mundo da opressão do pangermanismo. Se tal posicionamento é tão claro ao longo dos quatro anos de luta, até que em dado momento ele assume uma posição formal⁹, obviamente seu discurso, muito longe de ser neutro, intentava a formar uma opinião nos leitores do jornal se isentando de responsabilidades, pois essas seriam interpretações puras dos informes vindos da Europa (agências francesa e inglesa principalmente).

A segunda perspectiva, a qual acredito menos pelo prestígio do jornalista, é a existência de uma ingenuidade frente ao seu trabalho. A crença fiel, quase cega de que as imprensas francesa e inglesa eram puras, livres de maquinações, atuando numa imparcialidade de “custe o que custar” ao país em prol da verdade descritas inúmeras vezes por Mesquita podem apresentar que ou ele se posicionava ignorando esses detalhes (conforme colocado no parágrafo anterior) ou realmente era dotado de 9/10 da ingenuidade e inocência humana. Afirmo isso com base, além da interpretação dos semanários, num comentário muitíssimo pertinente de Ferguson: “*A Primeira Guerra Mundial foi a primeira guerra midiática*”¹⁰, vemos isso como grande exemplo a ocultação dos problemas de deserção e insubordinação especialmente na frente ocidental francesa¹¹, a qual nenhuma palavra é citada por Mesquita, explicado pelo correspondente silêncio da imprensa francesa dentro do esforço de guerra.

Acredito que, como qualquer trabalho historiográfico que toma por fontes a imprensa, esses problemas sejam recorrentes, mesmo pela abordagem tomada pelos jornalistas que não trabalham com o mesmo conceito de verdade que os historiadores. Para a imprensa é possível a representação de uma verdade, não há a preocupação com uma ideia da verdade interpretada, o fato “fala” por si.

⁹ MESQUITA, Julio. As agências de notícias. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 432 - 433. V. 2. Esse posicionamento, junto com outras interpretações serão tratadas adiante.

¹⁰ FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014. P. 334.

¹¹ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, Pp. 252 – 253 e KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, P. 342.

2.1. Revisão bibliográfica:

A bibliografia foi um problema a parte para este trabalho, pouquíssimas obras voltadas para a problematização dos eventos da guerra, a vasta maioria das obras disponíveis são meramente narrativas, de forma superficial e sobretudo, dos aspectos políticos e grandes batalhas.

A principal obra de apoio para problematização das fontes primárias foi a compilação publicada por Max Arthur¹² que reúne relatos de combatentes e civis da Primeira Grande Guerra (utilizado também como fonte secundária), uma parceria com o Museu Imperial de Guerra Britânico. A compilação do trabalho de Arthur foi realizada com gravações de áudio, a maioria a muito esquecidas no acervo do Museu Imperial de Guerra Britânico, muitos desses relatos esquecidos, acervo esse considerado o mais importante do gênero no mundo. Faço a utilização desse material de maneira comparativa para confrontação, principalmente com as perspectivas de Mesquita, entretanto é necessária alguma atenção aqui. Por serem relatos gravados há muito tempo e não realizados pelo autor, temos que considerar em primeiro lugar que os relatos são de pessoas tidas como *comuns*, ou seja, não são relatos de políticos, gerais, pessoas com a ampla visão do cenário de guerra durante o conflito. Sendo assim, os relatos abordam situações muito pontuais, a experiência de cada indivíduo seja no ambiente civil, quanto no front. Duas perspectivas devem ser observadas nesse ponto: primeiro que Julio Mesquita pode ter o amplo conhecimento da guerra, claro que vítima do crivo da imprensa e governos dos Aliados, mas ainda assim tendo contado com uma visão geral, enquanto os relatos apresentados por Arthur possuem abordagens muito pontuais, porém comparando os dois discursos, percebemos que mesmo conflitantes, eles acabam por se complementarem, mostrando a visão que o soldado é impossibilitado de ter pela proximidade do confronto, mas indica onde e de que forma a censura Aliada atua. A segunda perspectiva importante são os objetivos de cada discurso, enquanto Mesquita tenta promover um convencimento dos seus leitores sobre a causa Aliada, exaltando o brilhantismo daqueles que comandam a guerra, os relatos organizados por Max Arthur mostram os desesperos dos envolvidos no combate, o orgulho das realizações e a vergonha nas derrotas. Nota-se nos relatos compilados, uma paixão muito forte em cada discurso, sejam passagens de ódio, indignação, medo, orgulho, admiração, dentre outros sentimentos, o que nos leva a

¹² ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

problematizar que são sim todos relatos parciais, não há neutralidade nesses discursos, mas também, a neutralidade não é o objetivo da obra de Arthur.

Outras importantes obras contribuíram para o bom andamento e desenvolvimento deste trabalho, sem elas as problematizações realizadas não seriam possíveis. Destaco aqui as importantes obras: livro de John Keegan¹³ que apresenta nuances muito mais complexas baseada em vasta bibliografia, sobretudo britânica, deixando de lado a simples narração. Obra importantíssima para o trabalho do tema e compreensão de muitas lacunas e de abordagem diferenciada, o livro recém publicado no Brasil de Niall Ferguson¹⁴, indispensável em minha opinião, a obra de Barbara Tuchman¹⁵, com uma linguagem não tão técnica, consegue contrapor posições e perspectivas tanto dos Impérios Centrais quanto da Entente. Barbara Tuchman se propõe, na obra *Canhões de Agosto*, a uma narrativa mais fácil, não apenas para o público especializado, mas para o leitor “leigo”. Sem linguajar rebuscado, notas e referências infundáveis, a linguagem utilizada pela autora é próxima a da literatura, facilitando assim o acesso à informação.

Um importante artigo que auxiliou no desenvolvimento desse trabalho, ao qual serão feitas algumas contraposições mais adiante é o de Teresa Malatian¹⁶ que trabalha com uma ideia de demonização da Alemanha feita por Julio Mesquita, sem esquecer também dois artigos de Aline Andrade Pereira¹⁷ que trabalha com a imprensa na Primeira guerra Mundial, assim como a importante obra de Sidney Garambone¹⁸.

Outras obras referenciadas ao longo desta monografia, assim como as não referenciadas, apenas constantes na bibliografia final também foram de vital importância para o entendimento de eventos e consequências dos eventos ocorridos durante o conflito. Pela

¹³ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

¹⁴ FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014.

¹⁵ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

¹⁶ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

¹⁷ PEREIRA, Aline Andrade. *A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização das notícias: do título à manchete*. Jornal da Rede Alcar, v. 1, PP. 1 – 7, 2013.

_____. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação, 2012.

¹⁸ GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

falta de bibliografia específica sobre o tema no Brasil, a bibliografia utilizada foi pouco extensa, mas ainda assim foi suficiente para embasar os estudos apresentados.

3. OS SEMANÁRIOS DE JULIO MESQUITA:

Somos todos engrenagens de uma grande máquina que às vezes anda para frente – mas ninguém sabe para onde – e às vezes para trás – ninguém sabe por quê.

Ernst Toller

Antes de adentrar numa análise dos boletins de Mesquita, acho necessário criticar um conceito naturalizado no contexto da Primeira Grande Guerra, que passa de forma despercebida pelo autor, mostrando a profundidade da discriminação das sociedades da época, assim como a parcialidade de todos quanto ao direito de liberdade de alguns contra a exploração de outros. Quero me referir aqui ao colonialismo e imperialismo europeu (no extremo o estadunidense e japonês também). Em diversas passagens, Mesquita condena veementemente a quebra de neutralidade belga pela Alemanha, como sendo um grande crime contra a humanidade e os Direitos das Gentes “*A Alemanha atravessa a linha que a separa do Luxemburgo, ocupa o ducado independente e, como se ouvissem alguns protestos, sela com sangue das vítimas indefesas o ato arbitrário de ocupação*”¹⁹. Condena a tentativa de expansão da Alemanha e do pangermanismo na Europa, discutindo sobre o quão ruim é um povo tentar subjugar outro. Porém, a questão colonial, as violências europeias praticadas na África e a dominação do mais fraco militarmente é abordada com tanta naturalidade que parece absurdo questionar tal situação. Mesquita coloca em xeque a civilidade da nação alemã pela invasão da Bélgica, assim como de ter pretensões em subjugar a Europa, como ato de barbárie, mas em momento algum tenta repensar a dominação e exploração colonial praticada por todos envolvidos inclusive as vítimas belgas, afirmando ainda que países como Inglaterra são totalmente dependentes de tal exploração. Essa ponderação inicial se faz importante por causa da ideia de civilidade apresentada pelo autor, em que a violência somente deve ser evitada dentro da civilidade, no caso Europa, subjugar povos para levar a civilização europeia a eles, parece ser até recomendável.

Sustento essa ideia também quando analiso o discurso de Mesquita afirmando que os Estados Unidos não possuem qualquer pretensão imperialista no mundo, e se as possuí seria em sua menor parcela, conforme Mesquita:

¹⁹ MESQUITA, Julio. Recapitulação: 13 de agosto de 1917. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 688. V. 4.

“A Alemanha é temível. Os Estados Unidos de Wilson são a antítese da Alemanha do kaiser, do kronprinz, de Hindenburg, de Ludendorff, de Tirpitz, de Reventlow e de Michaelis. A sociedade das nações que Wilson ideou é a mais pura expressão da tolerância e do desinteresse que podem caber num cérebro e num coração de homem nesta época de assaltos e defesas, de martírios e ímpetos de vingança, porque dela, concebida para garantia das vítimas, nem os algozes se excluem.”²⁰

Os Estados Unidos aparecem como o grande baluarte da paz e da justiça no mundo, apenas desejando a paz. Primeiramente me sustento na ideia de que os Estados Unidos desde sempre se apoiaram na expansão, dominação e mesmo imperialismo explicitado já na conquista do oeste, a expansão estadunidense do território das antigas Treze Colônias sobre territórios indígenas e as brutalidades realizadas nessa ocasião²¹, contrapondo-me à citação anterior de Mesquita sobre a concepção de “tolerância e desinteresse”, retomando aqui também a ideia do “civilizado” dominando o “nativo selvagem”. Em segundo lugar, vários autores trabalham com a perspectiva de os Estados Unidos terem aderido ao conflito para garantir uma vitória da Entente, seus principais devedores, assegurando o pagamento das dívidas. Apesar dessa ideia ser bem plausível, ainda assim é uma suposição.

Outra situação que se torna até mesmo aterradora para Mesquita é o modelo da nova guerra. O mundo estava sendo apresentado para um novo conceito de conflito, a guerra total, onde o inimigo deixa de ser apenas o soldado, mas passa a ser toda a nação rival. O bloqueio naval duríssimo imposto pela Inglaterra contra a Alemanha, gerando grandes problemas que vão desde a situação alimentar até a produção industrial bélica, agravando diversas situações como a fome dentro da Alemanha, sobretudo em 1918 conforme podemos observar o relato de Herbert Sulzbach da 9ª divisão do exército alemão:

“Em outubro, tive licença para visitar minha terra natal, em Frankfurt, onde eu morava com meus pais. Após enfrentar batalhas terríveis, não via a hora de obter essa licença. Em minhas caminhadas pelas ruas de Frankfurt, ninguém me cumprimentava, embora eu fosse um oficial. Tudo estava racionado, e raramente se achava alguma coisa para comprar. Salões de festas estavam fechados, as ruas, sombrias e monótonas, e o estado de espírito das pessoas era péssimo. Não fazíamos ideia no front do quanto estavam ruins as coisas em nossa terra. As pessoas estavam fartas da guerra. Queriam que ela terminasse logo que possível, com ou sem vitória. Duas semanas depois, voltei para a linha de frente, para a companhia de meus

²⁰ Id. 741, V. 4.

²¹ BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*. São Paulo: Melhoramentos. 1970. Obra clássica e muito bem fundamentada sobre o assunto, de fácil linguagem, destinada ao grande público.

colegas, para meus fuzis, e me senti em casa no meio daquela lama, sujeira e piolhos.

Apesar de nossas retiradas por semanas e meses, ainda recebíamos correspondência, sacolas de cartas, algumas até com pacotes, que não vinham da Alemanha, mas da Bélgica, onde ainda havia alguma comida e chocolate. As cartas que recebi não eram deprimentes, mas alguns dos meus colegas receberam cartas muito angustiantes. Diziam seus familiares: ‘Não temos nada para comer, estamos cansados dessa guerra, volte assim que possível.’ Dá pra imaginar o quanto isso afetava o moral desses pobres homens.’²²

A dureza do bloqueio foi asseverada como os torpedamentos alemães contra navios mercantes, muitas vezes desarmados, inclusive de países neutros. Essas concepções são perspectivas novas de guerra, que antes eram travadas em campos de batalha, sem baixas civis (ao menos propositais). Esses ataques e privações a civis “inocentes” irão gerar conflitos ideológicos fortíssimos sobre o que é ser civilizado ou bárbaro. Porém, ainda assim, Mesquita explica todas as ações bárbaras da França e da Inglaterra contra a Alemanha, justificando como resposta as atrocidades da invasão da Bélgica e de Luxemburgo. Apesar da recriminação imposta por Mesquita contra a Alemanha, a guerra estava a ponto de eclodir, era aguardada, apesar de não desejada, por todos. Schlieffen esperava que “*a França violasse a Bélgica assim que o movimento alemão na fronteira belga revelasse sua estratégia, portanto planejou que a Alemanha fizesse isso primeiro, e mais depressa. ‘A neutralidade belga deve ser rompida por um lado ou por outro’*”²³.

Para contextualizar a análise e a crítica que irá seguir, façamos uma análise da linguagem de Mesquita nos seus semanários. Lapouge aponta Mesquita como sendo um *francófilo ardente*²⁴, mas apesar disso, seu distanciamento da guerra permitia que fizesse uma análise mais apurada, completa e por vieses diferentes. Obviamente que o distanciamento facilita a percepção, quanto mais envolvido se está em uma ação, menos se percebe, porém o que Lapouge desconsidera é justamente a deficiência²⁵ do serviço de informação europeu para com os países chamados *neutros*. Mesquita critica a veracidade e confiabilidade dos boletins

²² ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P. 389.

²³ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. P. 27.

²⁴ LAPOUGE, Gilles. Os boletins semanais de Julio Mesquita. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 15. V. 1

²⁵ A parcialidade, sobretudo, já que a imprensa estaria sim engajada no esforço de guerra, informando reveses apenas quando não tão problemáticos para a opinião pública, ou mesmo quando era impossível a ocultação de tais problemas.

alemães “*Havas, que não é como a Wolff, uma agência de propaganda, mas de informação*”²⁶ em contraste com a confiança plena em boletins franceses²⁷ e ingleses:

*“[...] há exceções, e estas bastam para que nosso trabalho não seja inteiramente inútil ou mero exercício de literatura inócua. Por exemplo: dos telegramas da Inglaterra, país de opinião pública ativa e exigente nas crises mais melindrosas da sua história, não se pode perder nenhuma palavra. Telegrama inglês que sai para o mundo com a chancela de autoridades inglesas não mente, não dá proporções fantásticas às boas novas, nem reveste as más de explicações inaceitáveis”*²⁸.

Vale lembrar também que a imprensa como um todo, apresenta aquilo que julga necessário e relevante, um grande exemplo do que a imprensa de guerra fazia, sobretudo quanto a moral do soldado no front é a desvalorização de investidas frustradas ou de pequenos avanços, ganhos estratégicos e/ou territoriais, como por exemplo, o relato do tenente Ulrich Burke do 2º Batalhão, Regimento de Devonshire:

*“Quando conseguíamos ler os jornais, isso nos deixava furiosos, sobretudo se você tivesse feito um grande ataque com o batalhão inteiro, que podia se estender por 200 metros de largura, e houvesse penetrado 1 quilômetro pelo território inimigo e feito prisioneiros. Mas aí liamos nos jornais: ‘Nenhum combate no front ocidental.’ Não parecia digno de figurar nos jornais o fato de que cinquenta homens tivessem morrido e sua unidade tivesse sofrido o mesmo número de feridos. Para eles, não parecia muito grave, mesmo que a guerra só tivesse começado dois anos atrás. Isso costumava deixar todos muito irritados. ‘Quase nenhum combate no fronte ocidental’”*²⁹.

Dessa maneira, em diversas passagens dos semanários, Mesquita expõe sua intencionalidade, que não é narrar o conflito, isso é feito diariamente na publicação dos telegramas nas colunas específicas para tal fim. O objetivo dos boletins semanais era justamente explicar os eventos ocorridos na semana (e publicados diariamente) e também de outras informações, sejam publicações de agências de notícias que não ganharam as colunas do jornal ou mesmo de outros periódicos nacionais e internacionais, conforme o próprio autor expõe “*[...] o dever que nos impusemos de coordenar e explicar nesta crônica, com imparcialidade, os fatos da guerra conforme eles forem chegando ao nosso conhecimento nos*

²⁶ MESQUITA, Julio. Notícias desencontradas: 07 de junho de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 216. V. 1.

²⁷ Principalmente os da agência francesa Havas, principal e quase exclusiva fonte de informações de Mesquita, a qual fará várias referências inclusive sobre os custos abusivos das assinaturas de serviços.

²⁸ Id. 623 V. 3

²⁹ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P. 143.

*telegramas que se nos afiguram e realmente são mais dignos de crédito*³⁰. Vamos nos deter nesse ponto por um momento, se os boletins de Mesquita são explicações dadas por ele aos leitores, isso significa que o texto é puramente uma interpretação jornalística do próprio Mesquita e não uma transposição da verdade, conforme o jornalista afirma ser seus boletins, uma explicação fiel dos eventos e não uma mera interpretação. Outra situação importante é a questão da neutralidade jornalística, conforme Pereira apresenta, o Brasil no contexto da Primeira Grande Guerra valorizava muito a ideia de neutralidade quanto ao grande conflito³¹, entretanto discordo do posicionamento da autora que percebe o jornalismo como neutro. Ora, se sabemos que a neutralidade se faz impossível, pois tanto em história quanto no jornalismo, a própria escolha do que fazer e como fazer possui intencionalidade, acho importante justificar esse termo “neutro”. A neutralidade deveria ser entendida como a não intenção de influenciar o leitor a se solidarizar por um ou outro lado do conflito, ficando isso a cargo do público, todavia não é o que acontece no caso de Mesquita. Desde as primeiras páginas, lá em 06 de agosto de 1914 o autor se proclama neutro, quando muito se posicionando contra regimes autoritários, leia-se imperialismo germânico, conforme Mesquita:

*“O Estado não nega as suas simpatias pelos Aliados, mas já disse, e repete, que a essas simpatias não correspondem nenhuma antipatia pelos súditos do kaiser, cujas excelentes qualidades de raça e de educação intelectual, comercial e industrial não tem cessado de enaltecer. O Estado simpatiza com os Aliados, não porque antipatize com os alemães, mas porque diverge visceralmente da política autoritária e militarista que desviou a Alemanha da sua luminosa missão e produziu esta guerra odiosa. Contra a política, sim, temos toda a má vontade, onde quer que ela se implante ou firme, na Alemanha ou em outro qualquer país, inclusive o nosso”*³².

Porém em meados de junho de 1916, Mesquita assume oficialmente a causa da Entente, defendendo abertamente a luta de franceses, ingleses e russos. A partir dessa perspectiva, vemos a relevância do estudo de Malatian³³, que tenta verificar justamente a ideia da “demonização” da Alemanha por Julio Mesquita. Porém, por situações como o controle da

³⁰ MESQUITA, Julio. Notícias desencontradas: 07 de junho de 1915. In: MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 328. V. 2.

³¹ PEREIRA, Aline Andrade. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação, 2012.

³² MESQUITA, Julio. O militarismo. 21 de dezembro de 1914. In: MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 129. V. 1.

³³ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

imprensa, sobretudo aliada, conforme melhor trabalhada a diante, amenizam esse parecer de Malatian, pois o jornalista também foi vítima da censura dos países beligerantes, mesmo que consideremos a crença e fidelidade de Mesquita aos boletins Aliados como ingênua, a propaganda realizada pela Inglaterra e pela França sobre os países neutros, em especial, tinham justamente a intenção de demonizar a Alemanha.

Um grande exemplo que eu acredito ter sido barrado pela censura dos países envolvidos no conflito, foi a ausência de informações sobre as tréguas espontâneas do natal de 1914. Alguns eventos pouco comuns que despertam curiosidades no público não especializado, apesar de estranhos não aparecem nas principais linhas históricas e historiográficas. Lapouge esboça tristeza ao ler os semanários de Mesquita e não encontrar referência alguma sobre os táxis do Marne³⁴. Ao buscar informações palpáveis sobre o tema, descobre que o impacto dos táxis para a frente de batalha foi irrisório, sendo exaltado basicamente na literatura romanceada francesa que tenta enaltecer o esforço de guerra, narrando um “mar de táxis” invadindo a zona de guerra para despejar soldados no front que imediatamente partiam para combater o inimigo. Apesar de impactante quando narrada, a cena não causou grande consequência na guerra, já que a esmagadora maioria dos soldados chegou ao front de trem, uma ínfima parcela de soldados chegou à batalha com os referidos táxis, o que pode não ter sido considerado digno de nota pelo impacto militar causado ou mesmo nem ter chego ao conhecimento do jornalista. Entretanto, outro evento, sem grande impacto militar aconteceu em 25 de dezembro de 1914, que foram as tréguas espontâneas de natal nas trincheiras.

Mas por que essas tréguas de uma noite merecem ser mencionadas? Anteriormente nesse texto, abordei o conceito de civilidade assim como o de guerra total, os quais retomo aqui. Nesses primeiros quatro meses de guerra, o discurso de ódio ao inimigo promovido pela imprensa e governo dos beligerantes ainda não tinha se propagado de maneira eficiente, o respeito por datas religiosas, a tentativa de manutenção da lembrança do lar e dos hábitos comuns, dentre outras inúmeras subjetividades existentes nesse episódio tornam-no digno de nota. As questões de confraternizar com o inimigo, celebrar uma data religiosa sem hostilidades, a percepção de que o soldado da trincheira oposta é tão humano quando o companheiro da própria trincheira, situações que criaram vínculos entre os inimigos e até uma

³⁴ LAPOUGE, Gilles. Os boletins semanais de Julio Mesquita. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 18. V. 1

resistência ao combate e enfrentamento. Para fundamentar esta argumentação, cito alguns relatos apresentados por Arthur referentes a esse momento:

“Soldado Frank Sumpter.

Brigada de fuzileiros de Londres

Após o ataque de 19 de dezembro, voltamos para as mesmas trincheiras no dia de Natal. Era um inverno rigoroso que cobria tudo com muita neve. Antes, a paisagem devastada parecia um quadro de cores desoladoras – argilosa, lamacenta e cheia de tijolos quebrados –, mas, quando foi coberta pela neve, ficou bonita. De repente, ouvimos os alemães cantando Noite Feliz, e depois fixaram uma placa dizendo ‘Feliz Natal’, aí nós fizemos o mesmo.

Enquanto eles ainda cantavam, nossos colegas propuseram:

- Vamos fazer coro com eles.

Fizeram isso, mas, quando começamos a cantar, eles pararam. Quando paramos, eles voltaram a cantar. Com isso, fomos nos descontraíndo. Então um alemão aproveitou esse momento de descontração, subiu no parapeito da trincheira e gritou:

- Feliz Natal, Tommy”

É claro que nossos rapazes responderam:

- Se ele pode fazer isso, nós também podemos. Mas um dos sargentos-ajudantes ordenou que descêssemos:

- Calma, sargento, é Natal – respondemos.

Avançamos todos para a barricada de arame farpado.

Mal conseguimos nos aproximar deles, pois a barricada não era composta apenas por uma cerca, mas por duas ou três, emaranhadas com fios de arame passando pelo centro. Apenas nos cumprimentamos, e tive a chance de falar com um alemão.

- Você sabe onde fica a estrada Essex, em Londres? – Perguntou ele

- Sim, meus tios tem uma loja de conserto de sapatos lá – respondi.

- Que coincidência! Eu trabalhei na barbearia do outro lado da rua.

Todos eles falavam bem o inglês, pois, antes da guerra, a Inglaterra era invadida pelos alemães. Todo comerciante de carne de porco era alemão, todo barbeiro era alemão, e eles ficaram todos aqui colhendo informações vitais sobre o país. É irônico quando você pensa na ideia de que ele pode ter barbeado meu tio algumas vezes e que, no entanto, minha bala poderia ter acabado com a vida dele, e a dele com a minha. O fato é que os oficiais acabaram ordenando: - Nada de confraternização.

Depois, deram as costas e se retiraram. Nem tentaram parar, pois sabiam que não conseguiriam. Não falamos uma vez sequer sobre a guerra com os alemães. Falamos sobre nossas famílias, a idade que tínhamos e quanto tempo achávamos que a guerra duraria, coisas desse tipo. Eu era jovem e não estava tão interessado em conversar com eles. Fiquei por lá cerca de meia hora e voltei. A maioria dos rapazes permaneceu lá o dia inteiro, só voltando à noite. Ninguém deu um tiro sequer, e alguns soldados satisfizeram a curiosidade de

*conhecer a terra de ninguém por onde circularam. Era bom circular por ali despreocupadamente*³⁵.

“Fuzileiro Henry Williamson

Brigada de fuzileiros de Londres

*À noite, os alemães enviaram mensagem informando que sei Estado-Maior estava fazendo uma visita às trincheiras e que, por isso, a trégua deveria acabar, razão pela qual eles teriam de voltar a disparar suas metralhadoras. Iriam atirar para o alto, mas aconselhavam que nos mantivéssemos sob proteção a fim de evitar acidentes. Às 23h, abriram fogo. Vimos as metralhadoras deles cuspirem bem alto suas línguas de fogo. Informaram ao nosso serviço de espionagem que os alemães estavam usando o fuso horário de Berlin nas trincheiras, o que é uma hora a menos em relação ao horário britânico. Acho que era um dado fundamental para o serviço de inteligência, e foi assim que o cessar-fogo acabou. Nós mesmos não demos um tiro, e eles ficaram sem atirar por um ou dois dias, mas, então, os prussianos renderam os saxões, e começamos a perder mais homens por causa dos disparos certos dos atiradores de elite. Depois disso fomos embora*³⁶.

Peço perdão pela longa citação, mas a ausência desse evento nos boletins de Mesquita me fez julgar importante estabelecendo o limite da fonte q pretendia falar a “verdade” sobre a guerra. Existem outros relatos interessantíssimos referentes ao natal, mas infelizmente o espaço é curto. A importância que vejo em apresentar esse tema é justamente a ausência dele nos boletins semanais de Mesquita. Houve represálias dos governos e alto comando dos exércitos com relação a essas celebrações, mas independente do posicionamento contrário ao pangermanismo, Mesquita deveria ter feito menção a tamanho ato de civilidade³⁷ das tropas, colocando o sagrado acima da guerra. Porém, creio que a censura tenha barrado a divulgação de tais práticas que entravam em conflito com a propaganda de ódio realizada entre os países combatentes, o que deve ter impedido o acesso a tais informações por parte do jornalista. Outro motivo que me levou a fazer tão longa citação é justamente a particularidade do evento, que nunca mais ocorreria nas guerras dos séculos XX e XXI, um marco histórico do culto ao ódio pelo inimigo, além de ser pouquíssimo conhecido.

³⁵ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Pp. 79 – 81.

³⁶ Id. Pp. 83 – 84.

³⁷ Ideais principalmente cristãos, mas consequentemente europeus ligados a tal religiosidade.

3.1. A abordagem do Pangermanismo por Mesquita:

O evidente posicionamento de Mesquita em prol da Entente, muitas vezes é percebido como simples simpatia, sobretudo com os franceses, e criminalização das práticas, dos Impérios Centrais, principalmente da Alemanha, retratada como desejosa da guerra, interessada na expansão a qualquer custo, sem respeitar os Direitos das Gentes, traidora de tratados internacionais, dentre outras inúmeras depreciações realizadas. O que foge a Mesquita são as articulações das principais potências europeias, muitíssimo bem descritas nos capítulos 2, 3, 4 e 5 da obra de Tuchman³⁸, onde a autora apresenta planos não apenas defensivos, mas também estratégias ofensivas, inclusive por parte da Entente, planos estes que obviamente eram secretos e conforme o alcance da fonte, os boletins diários não informariam nada sobre isso, assim como o jornalista não teria tal acesso. Mesquita também ignora a tentativa de evitar a guerra por todas as nações, que mesmo sendo percebida pelas potências europeias como inevitável, era na sua grande maioria indesejável, conforme exposto por Hobsbawm³⁹, ou seja, contava a história, porém não sabia que história contava, esse saber é privilégio dos pósteros, dos historiadores.

Devido a não consideração de Mesquita por esses momentos anteriores ao conflito, seja por opção ou negligência, restrinjo a análise apenas ao conflito e não aos momentos de preparação e estratégias políticas. Minha opção por não considerar esses momentos prévios é justamente focar num posicionamento de Mesquita formado pelo acesso a informação que ele dispunha no momento da deflagração, ou seja, as agências de notícias europeias (principalmente da França e Inglaterra). Essa escolha também foi feita por influência do texto de Malatian⁴⁰, ao tentar verificar uma demonização da Alemanha no discurso de Mesquita, percebo que a autora desconsidera as fontes de informação do jornalista. O poder da imprensa e de uma política de medo imposta pelos Aliados contra a Alemanha, indica que a intenção da Entente, principalmente inglesa, era demonizar a Alemanha para o mundo, seja para resistirem mais ferozmente ao invasor, como para ganhar a simpatia dos neutros para a causa

³⁸ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998, Pp. 21 – 79.

³⁹ HOBSBAWM, Eric. *A era dos Impérios: 1875 – 1914*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, Pp. 429 – 430.

⁴⁰ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

da Entente. Um forte exemplo disso é o relato de um sargento alemão ao chegar a uma cidade belga:

*“Sargento Stefen Westmann
29ª Divisão de Infantaria do Exército Alemão
Em uma das cidades pelas quais passamos, o prefeito veio pedir aos comandantes da nossa companhia que não permitisses que os soldados decepassem as mãos das crianças. Isso foi feito por causa das histórias de atrocidades que ele ouvira sobre o Exército alemão. No início, rimos disso, mas, quando ouvimos outras coisas de feição propagandista contra o Exército alemão, ficamos com raiva”⁴¹.*

Se essa era a visão que as populações dos países em guerra com os Impérios Centrais, e conseqüentemente a visão dos soldados desses mesmos países causada pela propaganda direcionada dos Aliados, podemos estender essa imagem para os boletins que chegavam às mãos de Julio Mesquita, justificando plausivelmente os motivos pelos quais o jornalista tanto recriminava as ações da Alemanha, por exemplo. Mas quais os efeitos de tipo de propaganda? Primeiramente se estabelece uma imagem de barbárie contra os Impérios Centrais, sobretudo nos países neutros, com a ideia de que a Alemanha e seus aliados tivessem regredido à selvageria. Em segundo lugar, ter essa visão de um inimigo que não respeita direito algum do “conquistado”, incentivaria a uma resistência do “tudo ou nada”, pois a defesa não é simplesmente política, ela passa a ser da integridade física dos cidadãos do país, os filhos, irmãos, dentre outros entes queridos daqueles que estão naquele combate.

Apoio essa teoria também pelos escritos de Ferguson, ao se referir da importância da propaganda na guerra para ganhar a simpatia dos neutros, o autor cita Ludendorff *“Nos países neutros, fomos sujeitados a uma espécie de bloqueio moral”⁴²* ou então quando cita um propagandista nazista, Eugen Hadamovsky *“O povo alemão não foi vencido no campo de batalha; foi vencido na guerra de palavras”⁴³*. Considerando essas situações, seria correto julgar que Mesquita quis demonizar a Alemanha? Mesmo que a resposta para tal pergunta seja afirmativa, devido a enxurrada de informações manipuladas e mesmo falsas a que teve

⁴¹ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial: uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX*. Trad. Marco Antônio de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, P. 41.

⁴² FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014, P. 335

⁴³ Id.

contato, é muito fácil entender uma posição tão veemente do jornalista contra uma civilização acusada de tantas violabilidades morais quanto foi a Alemanha.

Obviamente, ao ler descuidadamente a coletânea dos semanários de Mesquita, é muito fácil despertar uma aversão ao discurso apresentado (a não ser que o leitor seja tão francófilo quando o autor). Em minha primeira leitura, mesmo sabendo da sequência de eventos e resultados do conflito, o texto de Mesquita chegou a despertar uma aversão a causa que ele defendia, tamanho era o parcialismo do jornalista sob um discurso mais que falso de neutralidade, fazendo com que eu me mantivesse na torcida de revezes da Entente apenas para verificar como o autor iria sustentar seus discursos de supremacia francesa e inglesa. Dessa maneira, acho totalmente lógico o posicionamento de Malatian, porém não concordo com o contexto de uma simples aversão à Alemanha e ao pangermanismo, vejo que a manipulação da imprensa, de onde Mesquita se pautava, corrompeu a visão do jornalista quanto ao andamento do conflito, mesmo que por ingenuidade com relação às suas fontes de informação, segundo o que Ferguson apresenta sobre a fala de Loyd George em 1917 “*Se o povo realmente soubesse [das coisas][...]a guerra seria interrompida amanhã. Mas é claro que eles não sabem – e não podem saber. Os correspondentes não escrevem e a censura não permitiria que se soubesse a verdade*”⁴⁴.

3.2. Por que lutar? As posições dos neutros e adesões de guerra:

Desde os primeiros momentos do conflito, Mesquita condena a traição da Alemanha contra a Bélgica, acordo estabelecido e assinado pelo antecessor do *kaiser* Guilherme II. Mesquita afirma que tal agressão e invasão (Alemanha sobre a Bélgica) foi um ato cruel contra um povo inocente⁴⁵: “*A neutralidade da Bélgica [...] Violando-a, a Alemanha lançou um desafio ao mundo, ofendeu-o com o seu desprezo, afrontou-o com uma ameaça. E o mundo não disse nada. Não se moveu*”⁴⁶. Porém antes da deflagração do conflito, a Bélgica estava numa pré mobilização e a Alemanha comunicou sua intenção de atravessar o território

⁴⁴ Ibid. 335 – 336.

⁴⁵ Mesquita vitima a Bélgica por sofrer por quatro anos aquilo que os Belgas impuseram ao Congo Belga sofreu durante todo seu período colonial, sobretudo no domínio de Leopoldo II. Em momento algum Mesquita faz referência às vítimas dos imperialismos europeus na África, Ásia e América.

⁴⁶ MESQUITA, Julio. Selvageria de quem? 22 de março de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 183. V. 1.

belga para combater a França, lançando inclusive um ultimato no dia 02 de agosto de 1914⁴⁷. Com a Bélgica parcialmente mobilizada, pronta a resistir tanto contra a Alemanha quanto contra a Inglaterra, num caso de violação territorial, associado a um ultimato alemão, podemos considerar que apesar de uma declaração de país como neutro, esta era a via de combate e não podemos chamar a Bélgica de inocente e indefesa, tanto que resistiu em parte de seu território até o fim do conflito. Mas Mesquita se opõe, invoca o tratado assinado pelas potências europeias reconhecendo a neutralidade belga.

A Itália, pactuando com a Tríplice aliança é vista pela imprensa francesa como traidora conforme apontado por Mesquita⁴⁸, porém quando os italianos aderem a Entente, mil e uma desculpas são apresentadas, ressaltando uma delas “[...] *que não se censure a Itália por invadir a Áustria, à conquista de províncias que, amarradas ao trono austríaco, vivem contrafeitas e inquietas e se adaptam admiravelmente ao organismo italiano*”⁴⁹. Esse modelo de defesa daqueles que aderem à Entente, é comum nos boletins de Mesquita, o que o jornalista justifica como países que percebem o lado “justo” e “correto” do grande conflito.

Antes da Itália entrar no conflito, Mesquita faz uma breve análise das posições “naturais” que os neutros tomariam no conflito, inclusive sustentando a posição da Turquia em favor da Entente, o que não se sabe é se Mesquita teve acesso a informações sobre as motivações turcas para aliar-se a Alemanha (um pequeno vislumbre sobre a informação é apresentada em 1918 por Mesquita, mas ele não parece dar muito crédito a informação, assunto que será tratado em momento oportuno).

Três situações são bem características que apresentam o posicionamento de Mesquita quanto a adesão da guerra pelos neutros. A primeira seria a traição da Bulgária, a qual o jornalista se reporta sobre o legado desse país ao final do conflito “*Da Bulgária, só ficaria na História a triste recordação de uma longa série de erros, perfídias e traições*”⁵⁰, que possuiria as mesmas motivações que a Itália, ou seja, recuperação territorial, mas é mal vista por se posicionar contra a Entente. A Bulgária estaria fadada a ser quebrada pelo avanço russo e posteriormente romeno, e se ainda assim houvesse situação vencedora para os Impérios Centrais (cogitado, porém totalmente desacreditado por Mesquita), ainda assim a Bulgária não

⁴⁷ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, P. 83.

⁴⁸ MESQUITA, Julio. A Itália: 31 de maio de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 212. V. 1.

⁴⁹ Ibid. 215.

⁵⁰ MESQUITA, Julio. A Romênia entra na guerra: 16 de outubro de 1916. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 488. V. 3.

teria vantagens, pois os interesses austríacos e turcos sobrepujariam os interesses e intenções búlgaras no fim da guerra. A segunda situação é a crise grega onde Constantino por ser favorável a Alemanha é um traidor do próprio povo, enquanto Venizelos é o baluarte moral na Grécia, que a colocará nos rumos corretos da civilização:

*“Venceu Venizelos, por todos os motivos quem devia vencer, porque seria estúpido que o pendão do germanismo truculento e usurpador ficasse tremulando para sempre à beira das águas sagradas, a cujo ritmo se balançou o berço da mais ilustre, mais nobre e mais radiante civilização do planeta.”*⁵¹.

O caso grego é interessante de ser analisado, em dado momento Mesquita expões o seguinte:

*“Os Aliados exigiram: primeiro, que as forças gregas na Grécia continental, e em geral em todos os territórios fora do Peloponeso, fossem reduzidas ao número de homens estritamente necessário à manutenção da ordem, e que fossem transferidas para o Peloponeso todas as armas e munições de que essas forças dispõem para um caso de guerra; segundo, que se proibisse o uso de armas à população civil da região que o rei governa, assim como que os reservistas se possam reunir em assembleias deliberativas; terceiro, que a fiscalização que os Aliados estavam exercendo sobre a administração do reino se restabeleça, ainda que se reorganize de acordo com o governo nomeado pelo rei; quarto, que imediatamente sejam soltos todos os venizelistas presos por direitos políticos, e indenizados os que tenham sido por simples suspeitas injustificadas; quinto, que seja destituído de qualquer comando o chefe do Primeiro Corpo do exército real, salvo se ficar provado que foi outro, e não ele, o responsável pelos últimos distúrbios de Atenas; sexto, que o governo real dê formais satisfações aos representantes diplomáticos Aliados, e que as bandeiras da Inglaterra, da França, da Itália e da Rússia sejam saudadas numa praça pública de Atenas pela guarnição da cidade, em presença do ministro de Guerra”*⁵².

Apesar de longa a citação, é fundamental para análise. Ora, se isso não é violação de neutralidade tanto quanto a da Alemanha frente à Bélgica no início do conflito, como explicar uma intervenção de soberania como essa? Felizmente para Mesquita (que não teve que narrar uma invasão aliada na Grécia, com quebra de neutralidade), Constantino cede ao ultimato, além da política grega ser pró Entente após a abdicação do rei. Em momento algum Mesquita recrimina a atitude dos Aliados, ao contrário, reconhece que já não era sem tempo o

⁵¹ MESQUITA, Julio. Mudanças na Grécia e na Espanha: 18 de junho de 1917. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 628. V. 3.

⁵² MESQUITA, Julio. A Itália: 31 de maio de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 547 – 548. V. 3.

estabelecimento de uma política justa na Grécia. Em terceiro lugar é a adesão da Romênia em prol dos Aliados, nesse caso é visível a esperança infundável de Mesquita na vitória da Entente em TODAS as frentes de batalha. Apesar de todos os revezes sofridos, a Romênia ainda seria reconquistada e expulsaria os invasores.

A saída da Rússia da guerra também é considerada uma traição, pois o czar tinha compromissos com a Entente, assim como o governo provisório, porém Mesquita indica que Lênin e Trotski, sendo dois apoiadores muito bem financiados pela Alemanha, arrastariam a Rússia para a desgraça:

“Dir-se-á que, sendo Lenin um instrumento da Alemanha, a Alemanha virtualmente escapa à intimidação de Petrogrado. Lenin foi, não há dúvida, até aqui, um instrumento da Alemanha. Não se sabe entretanto se ele é simplesmente um infame, ou se nos achamos na presença de um alucinado, de mentalidade e de moral diversas das nossas, para quem não seria uma infâmia a convivência com o inimigo pelo caminho que ia terminar na redenção da humanidade oprimida”⁵³.

Esse ponto é importante pelo fato de Mesquita se remeter aos tratados de governos anteriores. Tanto Guilherme II quanto Lênin e Trotski deveriam ter se mantidos fiéis aos acordos de seus antecessores (neutralidade da Bélgica e guerra até a vitória final contra a Alemanha respectivamente), entretanto no caso italiano tal necessidade de honrar tratados firmados com a Alemanha anterior a Guilherme II não se faz necessária, por quê? Uma simples observação sobre a intencionalidade do jornalista revela que as ações contrárias aos interesses da Entente devem ser recriminadas, sempre traidoras.

Contudo, é muito reveladora a satisfação de Mesquita quando o Brasil assume posição contra os Impérios Centrais. Tamanho foi o envolvimento do jornalista na causa dos Aliados que em alguns momentos ele se refere ao conflito como se o Brasil estivesse profundamente envolvido no front europeu, valorizando “nossos avanços” territoriais contra a Alemanha e até mesmo considerando todos os territórios sob a causa dos Aliados como um só povo. Mesquita ao fazer uma forte crítica ao Vaticano por não recriminar ataques alemães que atingiriam inclusive locais religiosos, toma para si a universalidade espacial da guerra “[...] *com tais requintes de perversidade, os obuses alemães estouram dentro das nossas igrejas, superpondo a cadáveres de homens inermes corpos retalhados de mulheres que rezam e de*

⁵³ MESQUITA, Julio. Kerenski foge, Lenin governa: 12 de novembro de 1917. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 746. V. 4.

criancinhas que as mães ensinam a rezar?”⁵⁴. Tanto a entrada do Brasil, como anteriormente a dos Estados Unidos no conflito contra a Alemanha são vistos como naturais para Mesquita, principalmente pela política dos submarinos alemães no atlântico, ignorando perspectivas e interesses políticos e financeiros, acreditando ainda que os países lutam pela liberdade, sem interesses. Essa perspectiva se torna contraditória, pois Mesquita critica as razões da entrada da Bulgária na guerra, pois mesmo vencendo não teria ganhos, o que levaria o Brasil a entrar na guerra? A ofensa de naufragar navios mercantes? Navios foram naufragados de várias nações e nem por isso aderiram a guerra, mas ainda assim existe q questão de defender os Direitos das Gentes, violados pela Alemanha no ataque à Bélgica.

3.3. Análise da linguagem e perspectiva da guerra para Julio Mesquita:

Como dito anteriormente, Mesquita é um defensor fervoroso dos Aliados, justificando sua preferência em contraposição ao “violento e imperialista” pangermanismo. Defendido por esse escudo, Mesquita assume uma posição cada vez mais incisiva contra os Impérios Centrais. Com a entrada do Brasil no conflito, sente-se na narrativa do jornalista uma espécie de libertação, onde agora, respaldado pela posição do país, ele pode defender a Entente abertamente como uma forma inclusive de patriotismo.

Desde o início do conflito, Julio Mesquita indicou que somente poderia haver vitória pelas forças da Entente, seja pela causa justa que defendiam, quanto pela capacidade, preparo e equipamento disponíveis. Essa percepção levou Mesquita a narrar os eventos da guerra de forma que na maioria das vezes em que a Alemanha obtinha alguma vitória, esta será apenas ilusória, de curto alcance, nunca demonstrando verdadeira ameaça para os Aliados. Quando a vitória tinha caráter incontestável, ela se realizava com milhares de baixas para os alemães associado a um recuo meramente estratégico para reorganização dos exércitos Aliados para facilitar a defesa ou um contra-ataque.

Segundo ele, os ataques Aliados sempre foram muito positivos, todos os ganhos territoriais foram brilhantes, contra forças esmagadoras e muito capazes, os bravos soldados Aliados enfrentando milhares de inimigos e sob fogo cerrado, conseguiram tomar novas

⁵⁴ MESQUITA, Julio. A causa santa: 20 de maio de 1918. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 809. V. 4. Grifos meus.

posições adiante. Quando rechaçados, os Aliados eram justificados com emboscadas, forte fogo de barragem ou inimigo em esmagadora vantagem numérica. O que vem a importar é justamente a noção de que quando os Aliados avançam, os Impérios Centrais são muito eficientes, disciplinados, bem equipados e bem treinados, características que ajudam a enaltecer as vitórias conquistadas por poucos soldados. Tal prática, comum desde a antiguidade, tem um apelo midiático muito forte, tornando as vitórias homéricas e as resistências heroicas. Porém o mais interessante é que mesmo os avanços alemães são considerados enganosos, ao que a Alemanha avança e não aniquila o invadido de imediato, a vantagem continua para os Aliados. Tal postura de Mesquita tenta justificar o esforço de Mesquita em manter viva a sua previsão de que haveria apenas uma vitória possível, que seria dos Aliados. Sempre que um país aliado recua, tal atitude é vista como uma decisão engenhosa para possibilitar uma melhor estratégia de combate. Na contra partida, todos os recuos dos Impérios Centrais são tomados como demonstrações de fraqueza.

Como é possível perceber, a posição de Mesquita é claramente favorável aos Aliados, seja nos bons momentos quanto nos revezes. Tudo é parte de um estratagema militar, com raras exceções. Obviamente, muito desse posicionamento é devido às fontes utilizadas por Mesquita, que do alto da própria ingenuidade, acreditada na fidelidade dos boletins Aliados. Para exemplificar, cito Ferguson se referindo aos exageros ingleses⁵⁵ “*Em março seguinte [de 1915], a imprensa foi alertada a não exagerar o alcance do sucesso britânico, embora (como retorquiu um proprietário) tal otimismo exacerbado fosse a especialidade do próprio sir John French*”⁵⁶. Se haviam tais exageros na imprensa britânica, e conseqüentemente na francesa, é possível eximir ao menos de parte da culpa, o otimismo apresentado por Mesquita devido a essas influências europeias. Entretanto, Mesquita desacredita a vasta maioria dos boletins alemães⁵⁷, que segundo ele, apresentam apenas as vitórias alemãs de forma muito exaltada, sem apresentar revés algum. Aqui se faz necessário ponderar um pouco, Mesquita critica a parcialidade das agências de notícias alemãs, sobretudo a agência Wolff (a qual inicialmente se refere como uma agência de publicidade e não de notícias), esperando uma parcialidade total, sem considerar o esforço de guerra para manutenção da moral do povo e também dos

⁵⁵ Para Mesquita, os boletins ingleses eram ainda mais fidedignos que os franceses, de invariável veracidade, apresentavam a informação pura, pois segundo Mesquita, o povo inglês não se deixava enganar.

⁵⁶ FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014, Pp. 342 – 343.

⁵⁷ Mesquita tinha contato com boletins alemães mesmo após a entrada do Brasil na guerra, muitas vezes por vias indiretas e com baixa frequência, como por exemplo, jornais argentinos, dos quais algumas vezes é citada na fonte, então cito aqui também.

soldados. Acha injusta a manipulação popular por esconder a verdade, porém não percebe as manipulações realizadas como a apresentada na nota 44 deste texto.

Considerando as agências de notícias utilizadas como fonte de informação para Mesquita, em vários momentos o jornalista demonstra indignação perante a precariedade dos serviços da agência francesa Havas, com custos altíssimos, e nem sempre traziam as informações que Mesquita considerava relevantes e até mesmo não trazendo informações importantes que o jornalista descobre por outras fontes:

“[...] Aquilo, aquelas tristíssimas ruínas devem ficar muito tempo como estão, para que o estrangeiro que for à França veja por seus próprios olhos até aonde vai a selvageria dos alemães, quando a acirram. Nem sequer aquele ‘mimo de arte’ foi poupado! Tal telegrama carinhosamente reservado para nós, ‘especialmente’ distribuído pela agência francesa aos que pagam a peso de ouro o seu serviço completo, na forma faz rir e no fundo é uma extorsão.

[...] Não somos ingênuos, como ela supõe. Sirva-se de nós como queira, enquanto não nos podemos libertar do seu monopólio, mas não nos tome por tolos”⁵⁸.

Mesquita lamenta que a fonte de informação mais confiável, os boletins do consulado britânico, que além de fiéis eram gratuitos, fossem tão escassos, sendo disponibilizados semanalmente. O parcialismo de Mesquita apresentado nos boletins semanais rendeu ao jornal críticas da comunidade alemã, assim como o jornal se contrapõe a agência Wolff acusando-a por calúnia, em que acusavam o jornal O Estado de S. Paulo de tentar manipular a opinião pública contra a Alemanha:

“Em meados de agosto abandonamos a neutralidade com que assistimos ao erguer do pano para a imensa tragédia, e não ocultamos as simpatias que, em nossa alma de latinos, despertava a heroica resistência da Bélgica e da França. Os alemães boicotaram-nos. Estavam no seu direito. Todos os direitos lhes concedemos, menos o de caluniarem-nos”⁵⁹.

Volto a reafirmar aqui que, o parcialismo de Mesquita pode ter sido em muito, por se deixar influenciar pela simpatia com os franceses e assim assumindo a existência de uma neutralidade dos serviços de informação dos Aliados.

⁵⁸ MESQUITA, Julio. A Itália: 31 de maio de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 434 – 435. V. 2.

⁵⁹ MESQUITA, Julio. As agências de notícias: 26 de junho de 1916. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 433. V. 2. A referência de calúnia é expressada nos boletins da agência Wolff, contra a qual Mesquita faria uma representação judicial.

3.4. O valor dos soldados no front:

Uma das principais abordagens que Mesquita faz em seus boletins é referente ao valor dos soldados, sobretudo dos Aliados, mas não raro dos Impérios Centrais. O que escapa ao jornalista, e isso é totalmente compreensível, são os pequenos atos de insubordinação presentes em outras narrativas. Além das amotinacões e deserções referenciadas na nota 11, Arthur apresenta vários relatos de resistência à guerra, seja a busca pelo “Ferimento abençoado”⁶⁰ até deserções pontuais com consequências de fuzilamento ao desertor.

Essas atitudes obviamente não são da grande maioria dos soldados, são casos muito pontuais quando comparamos a proporção dos mobilizados, mas mesmo que seja apenas uma pequena parcela, ainda assim merece ser citada pelo impacto dessas atitudes na frente de batalha. Como principal fonte de informação para essas atividades, já que não é citado nenhum caso por Mesquita, são os relatos compilados por Max Arthur, dos quais infelizmente não consta nenhum relato de ferimento abençoado ou deserção alemã, o que não significa que tais resistências e desordens não aconteciam nas trincheiras alemãs. Considerando isso, cito um relato de ferimento abençoado e de pena de morte por deserção, respectivamente, para exemplificar tais afirmações:

“Capitão Maberly Esler

Real Grupamento de Médicos de Campanha do Exército Britânico

A primeira barraca que eu atendi era ocupada por siques, e todos eles tinham ferimentos na palma das mãos. ‘Isso é muito estranho. A única parte de seus corpos exposta ao ataque inimigo foram as mãos.’ Chegamos à conclusão de que deviam ter mantido as mãos acima da trincheira para que fossem atingidas e eles pudessem voltar pra casa como inválidos. Era óbvio que foi o que aconteceu, embora nunca tivessem sido formalmente acusados por isso, tivemos plena convicção de que fora essa mesma a causa dos ferimentos”⁶¹.

“Cabo Clifford Lane

1º Batalhão de infantaria, Regimento de Hertfordshire

[...] O que eu sentia mesmo durante as barragens inimigas, sobretudo nos primeiros dois anos, era a vontade de ser ferido, de sofrer um ‘ferimento abençoado’, tal como o chamávamos, a fim de poder voltar para casa. O soldado achava que esse ‘ferimento abençoado’ era a coisa mais sortuda que poderia acontecer com ele”⁶².

⁶⁰ Diz-se “ferimento abençoado” o ferimento de guerra que não acarreta em grandes consequências, ou seja, de boa recuperação, mas que afastaria o ferido da frente de combate, até sendo retirado da guerra em alguns casos.

⁶¹ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P. 121.

⁶² Id. 246.

O ferimento abençoado nem sempre ocorria conforme esperado, o artilheiro Towers ferido num avanço juntamente com o sargento Emsley:

“Artilheiro William Towers

Real Artilharia de Campanha

- Com licença, senhor, poderia dar uma olhada em meu joelho? A dor está me deixando louco.

Quando ele se aproximou, vi que cheirava a uísque. Assim que as enfermeiras tiraram as ataduras, ele observou?

- Hum... Houve acúmulo de líquido acima do joelho. Vamos drenar isso a noite.

Quando me vieram buscar para me levar de volta à sala de cirurgia, eu disse intimamente: ‘Obrigado, Deus, por isso.’ Entretanto, quando acordei, nas primeiras horas da manhã, espantei-me: ‘Oh meu Deus, amputaram minha perna!’ Eles a cortaram sem me avisar. Não deram o menos sinal de que iriam amputar minha perna. Antes de amputá-la, só vieram dar uma olhada nela quando pedi ao médico”⁶³.

“Fuzileiro Henry Williamsom

Brigada de Fuzileiros de Londres

Quando eu estava em Armentières, fui destacado para fazer parte do pelotão de fuzilamento de um desertor. Ele estava amarrado em um poste junto a uma parede em suas roupas de civil, e nos disseram que atirássemos contra um pedaço de pano branco preso na altura do coração. Não sabíamos se os fuzis estavam carregados ou não – alguns tinham balas, outros tinham festins. Quando nos deram a ordem de atirar, puxamos o gatilho – soubemos pelo recuo quais estavam carregadas. Então o nome do desertor foi lido em voz alta em três revistas de tropas sucessivas, como advertência”⁶⁴.

Apesar de serem casos pontuais, principalmente o exemplo da deserção gera impactos muito negativos ao moral dos soldados, apesar de conhecerem e compreenderem os motivos da punição, mostra-se uma situação violenta dentro do próprio corpo do exército e reafirmo, apesar da obra de Arthur não constar relatos semelhantes referentes aos Impérios Centrais, ainda assim é totalmente crível que o mesmo acontecia na Alemanha, no Império Austro-Húngaro, na Turquia e na Bulgária.

As tropas de todos os lados beligerantes continham menores de idade, voluntários que ocultavam a idade para poder ir para o front. Mesquita faz referência a esses episódios de maneira pouco detalhada, mesmo porque, sempre que um menor era identificado, era retirado do front. A culpa dessa situação era da imprensa dos países em guerra, que romanceavam o heroísmo e incentivavam a discriminação contra os homens adultos que não estivessem no

⁶³ Ibid. 322 – 323.

⁶⁴ Ibid. 122.

serviço militar, como por exemplo, a prática das moças em “presentear” os rapazes em trajes civis com penas brancas, simbolizando a covardia diante da guerra. Tal hábito gerava uma discriminação social em que os homens para não serem humilhados pelas mulheres, se alistavam.

4. A TURQUIA PERCEBIDA PELO OLHAR DE MESQUITA EM SEUS SEMANÁRIOS:

Quando os ricos fazem a guerra, são sempre os pobres que morrem.

Jean-Paul Sartre

Para Julio Mesquita, a decisão da Grande Guerra seria fatalmente decidida no palco ocidental, no embate entre Alemanha, França e Inglaterra a oeste dos Impérios Centrais, mas para isso acontecer, o Império Alemão teria que ser enfraquecido, desgastado, mordiscado em várias frentes de batalha, o que enfraqueceria o front ocidental e permitiria o avanço e vitória dos Aliados. Essa foi justamente uma das grandes frustrações de Mesquita com a saída da Rússia da guerra, pois reduziu o esforço e a fronteira de conflito da Alemanha. Porém, muito antes da revolução russa, lá nos primórdios da guerra em 1914, Mesquita conjecturava a posição dos países até então neutros e as devidas posições a serem assumidas. Dentre esses países estava a Turquia.

Mesquita considerava que a Turquia naturalmente se alinharia à Entente, principalmente pela pressão inglesa, previsão essa que se mostrou infundada. Qualquer que fosse o lado que a Turquia assumisse, seu líder Enver Paxá conduziria a mobilização turca em prol de uma guerra santa, ou seja, seria realizada a manipulação religiosa sobre o povo para defesa de interesses políticos. Entretanto, a Turquia era vista como incapaz de sustentar uma guerra com recursos próprios, seriam necessários desde equipamentos até oficiais qualificados para organizar as frentes de batalha.

A entrada da Turquia no conflito ao lado da Alemanha não foi tão repudiada quanto a entrada da Bulgária, mesmo contrariando a previsão de Mesquita. Diante dessa anormal aceitação, vejo duas possibilidades de leitura, Mesquita deveria conhecer os motivos da entrada da Turquia no conflito, conforme apresentado por Tuchman:

“Enquanto os turcos hesitavam, a Inglaterra ajudou-os a decidir, confiscando dois navios de guerra turcos que estavam sendo construídos por encomenda num estaleiro inglês. Eram navios de linha de primeira-classe, iguais aos melhores da Inglaterra, um deles armado com canhões de 13.5”. O impetuoso Chefe do Almirantado “requisitou” – para usar seu próprio termo – os navios turcos no dia 28 de julho. [...] Os navios tinham custado à Turquia uma imensa fortuna para aquela época: 7.500.000 libras esterlinas. O dinheiro tinha sido levantado através de uma subscrição popular depois de

quatro derrotas nas guerras da península balcânica [...] a perda financeira e outras perdas da Turquia – que o Governo de Sua Majestade ‘lamenta sinceramente’ – receberia ‘a devida consideração’”⁶⁵.

Keegan é bem mais comedido ao citar tal situação, dizendo que: “*Quando eclodiu a guerra com a Alemanha, os britânicos, peremptoriamente, adquiriram ambos*”⁶⁶ os navios turcos encomendados.

O que justificaria o silêncio do jornalista que não iria prejudicar a imagem dos Aliados frente ao calote inglês, o que poderia render grandes críticas contra a Entente⁶⁷, ou então de acordo com a perspectiva apresentada por Mesquita, a Turquia seria um problema para quem ela se aliasse, seja pela precariedade de equipamentos, quanto para a debilidade de combate e treinamento das tropas turcas, sendo esse um império moribundo. Apesar de mais provável essa perspectiva, mostra-se pouco estratégica, pois durante a investida da Inglaterra e seus aliados, sobretudo os australianos, em vários momentos foram explicitados que uma investida a partir de Constantinopla contra o Império Austro-Húngaro seria a porta de entrada para a Alemanha.

Conforme dito anteriormente, o grande foco de debate e desenvolvimento esperado por Mesquita, ou seja, onde a guerra seria resolvida, era justamente no front ocidental. Dessa forma, são extremamente escassos os boletins que consideram a participação da Turquia na guerra, salvo algumas exceções ao tratar principalmente de Galípoli e da tentativa de tomada do Dardanelos. Fora desses dois momentos, o Império Turco-Otomano é citado *en passant* referenciando pequenas derrotas, recuos ou estagnação da frente de batalha, principalmente contra os russos. O que causa maior estranheza é que mesmo quando os Aliados passam a avançar contra a Turquia, pouco é falado. Realizar uma análise do papel da Turquia na guerra se torna complicado com base nessas fontes, os boletins semanais de Julio Mesquita, pela falta de informações e narrativas nas publicações. Retomo aqui um questionamento, Mesquita negligencia a participação turca ou essa negligência vem dos boletins europeus? Tentarei responder a essa questão no decorrer do texto. Vejo a importância de salientar um discurso de discriminação religiosa presente na argumentação de Mesquita, sobretudo na conquista britânica de Jerusalém. Para o jornalista, a “libertação” de Jerusalém é remetida à época das

⁶⁵ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998, Pp. 160 – 161.

⁶⁶ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, P. 244. Grifo meu.

⁶⁷ Pouco provável essa hipótese, tendo em vista o comentário dos encorajados turcos abandonando o Mar de Mármara, deixando a segurança do Dardanelos e se engajando com a marinha britânica conforme citado adiante.

cruzadas, na seguinte passagem isso é evidenciado “*É de um embate dos exércitos nacionais, criados pelas cruzadas, que resulta afinal a libertação definitiva de toda a região santificada pela grandeza fugaz e pela lenta decadência do povo eleito*”⁶⁸.

4.1. As vitórias turcas de Galípoli:

A Alemanha teve pressa em conseguir apoio da Bulgária e passagem livre para a Turquia, pois sabia que uma penetração militar vinda de Constantinopla poderia ser fatal para a guerra alemã. Quando os britânicos resolvem investir contra os turcos, Mesquita trás essa perspectiva para seus boletins, segundo ele:

“O que se faz mister é acompanhar com máximo interesse a ação dos navios dos Aliados nos Dardanelos, cujos fortes tornam a ser bombardeados. Há de vir daí, de um instante para outro, a solução de todos os problemas militares e diplomáticos que roubam o sossego do mundo civilizado.

*E ninguém se espante, à rendição de Constantinopla, imediatamente se conseguir a paz que tranquilize o mundo. Do Oriente, como há muito se previa, saltou a faísca que acendeu este vastíssimo incêndio. É natural, cabe perfeitamente dentro da lógica da História, que venha de lá o grande jorro d’água que apague o fogo”*⁶⁹.

Os alemães conseguem chegar à Turquia com oficiais para comandar as operações, munição, equipamentos e o que for necessário para resistir à Inglaterra.

O avanço inglês tenta se desenvolver através do Dardanelos, um estreito que dá acesso ao mar de Mármara, porém devido ao complexo esquema de fortificações ao longo do canal, os navios de combate ficariam vulneráveis aos ataques das fortificações, segundo as informações apresentadas por Mesquita, a passagem pelo Dardanelos estaria condicionada ao controle das fortificações por terra. Esse é o contexto para as batalhas de Galípoli, em que os britânicos e australianos foram abatidos, desistindo da investida.

Ao longo das narrativas sobre Galípoli, Mesquita afirma que a resistência turca somente poderia ser eficiente devido ao exímio comando dos oficiais alemães, que valeriam muito mais que o empenho dos soldados turcos. Contudo, Arthur apresenta alguns relatos sobre australianos e britânicos sobre a grande qualidade do soldado turco que, apesar de mal equipado era muito valorizado:

⁶⁸ MESQUITA, Julio. A conquista de Jerusalém: 17 de dezembro de 1917. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 763. V. 4.

⁶⁹ MESQUITA, Julio. Palavras, simples palavras retumbantes: 19 de abril de 1915. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Pp. 195 – 196. V. 1.

*“Marinheiro de Segunda Classe Jack Gearing
Batalhão de Benbow, Divisão Naval Real
Vi muitos prisioneiros turcos na praia. Malvestidos, sempre pediam
nossas botas, pois eram muito pobres, mas excelentes soldados. Nunca
desistiam. Podíamos vê-los lutando do navio. Eram bons. Não
sentíamos um pingo de ódio deles. Ao contrário, nós os
respeitávamos!”⁷⁰.*

Infelizmente a obra de Arthur não contempla relatos de soldados ou civis turcos, o que é compreensível devido a barreira da linguagem. Mas o que levou os britânicos a realizar a investida nos Dardanelos e em Galípoli? Mesquita faz inúmeras referências a ideia de que os britânicos tinham o plano de certar totalmente a Alemanha, pois conquistando a Turquia o isolamento completo do Império Austro-Húngaro e do Império Alemão seria estabelecido. Entretanto Keegan afirma que:

“O terceiro front aberto pela entrada da Turquia na guerra foi no Cáucaso, e era muito mais importante, tanto pela escalada das lutas que precipitou quanto por suas conseqüências. O avanço otomano pelo Cáucaso russo alarmou de tal forma o alto comando czarista que o fez lançar prontamente um apelo à Grã-Bretanha e à França para ajuda, o que levou à campanha de Galípoli”⁷¹.

Mesquita não faz menção a esse pedido russo de ajuda, Galípoli seria uma decisão puramente estratégica para os Aliados que levaria ao fim da guerra, e não uma tentativa de desafogar a Rússia.

Mesquita não economiza críticas a capacidade turca de combater sem apoio alemão, o que de certa maneira também o faz Keegan, menos incisivamente, em sua narrativa sobre o desembarque e conflitos em Galípoli. A abordagem de Keegan não retrata muito além do óbvio, a resistência turca, apenas com algumas situações facilmente dedutivas pelas ações britânicas e do ANZAC⁷², porém da mesma forma que Mesquita, Keegan acaba por fazer o enaltecimento aliado, ao afirmar a heroica campanha, sobretudo dos australianos nas praias de Galípoli, rivalizando com o épico episódio de Tróia, de Homero⁷³.

⁷⁰ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Pp. 165 – 166.

⁷¹ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, P. 249.

⁷² Referência inglesa para as forças australianas e neozelandesas.

⁷³ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, Pp. 262 – 276.

É lamentável a escassez de materiais para consulta por parte dos turcos, assim como dos alemães (principalmente oficiais) que participaram da campanha de Galípoli, o que torna a abordagem unilateral, temos que deduzir situações de acordo com os sucessos e revezes da Entente.

No desembarque e tentativa de avanço aliado em Galípoli, Mesquita confia na estratégia britânica, mas aponta que devido ao exímio trabalho do oficialato alemão, a defesa se tornou inexpugnável. Na retirada dos ingleses, Mesquita apesar de reconhecer a derrota dos Aliados, atribui a maior parte da culpa a lentidão da Inglaterra em agir “*Não se pode negar que os Aliados foram vencidos em mais esse trecho da imensa luta no Oriente. Conseqüência da lentidão dos movimentos da Inglaterra*”⁷⁴. A Turquia somente resistiria pelo apoio austro-húngaro e alemão, pois sempre considera que os turcos entraram na guerra já desgastados. Para entender um pouco esse posicionamento de Mesquita, podemos comparar as estimativas apresentadas por Ferguson com relação aos dados de baixas da Turquia, segundo dados britânicos, esse número seria de 325.000 baixas. Esses dados revisados apontam um total de 804.000 mortos⁷⁵! Isso indica que o próprio serviço de informação oficial britânico possuía poucas informações sobre o que ocorria no Império Turco-Otomano, logicamente que os boletins que chegavam ao acesso de Mesquita seriam tão escassos quanto de informações, e essas quando chegavam, seriam incompletas e ainda passadas pelo crivo da censura aliada. Apesar de mesquita ler boletins alemães, mesmo que desacreditando na maioria das vezes (salvo quando concordavam com os boletins Aliados), não há referências de boletins austríacos, búlgaros e principalmente turcos. No caso de boletins da Turquia, a falta de acesso é plenamente justificada, tendo em vista que a leitura da língua vernácula não era tão incentivada na Turquia quanto nos países europeus, não sendo também muito comum o contado da língua árabe no Brasil.

Apesar da dureza de condições aos britânicos e australianos, principalmente, durante a campanha de Galípoli, alguns relatos indicam relações até cooperativas entre a as duas frentes de batalha:

⁷⁴ MESQUITA, Julio. Previsões: 17 de janeiro de 1916. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 346. V. 2.

⁷⁵ FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014, P. 441.

*“Soldado Henry Barnes
4ª Brigada de Infantaria Australiana
Estávamos tão perto das linhas turcas que quase sempre mantínhamos relações amistosas com eles, embora, oficialmente, fôssemos inimigos. Frequentemente trocávamos carne enlatada e biscoitos por réstias de figos e laranjas. Em vez de atirarmos bombas, podíamos jogar uma lata de carne em conserva. Quando viam o que era, respondiam jogando para nós uma réstia de figos. Certo dia eu estava sentado no parapeito e, depois de um tempo, resolvi ir até as fileiras deles oferecer carne enlatada a um turco. Ele sorriu e, aparentemente muito agradecido, me deu duas réstias de tâmaras.*

Jack – como chamamos esse soldado turco – era tido em alta conta por mim e por todos os homens do nosso lado. Nunca ouvi alguém falar mal dele. Era sempre um soldado digno e um dos homens mais corajosos do mundo”⁷⁶.

Assim sendo, podemos perceber que os discursos de ódio dos governos não chegaram tão longe assim, nem mesmo a discriminação religiosa de forma acentuada como expressa Mesquita, conforme referenciado na nota 68 falando da libertação de Jerusalém.

4.2. A revolta árabe:

Os boletins semanais de Mesquita, em sua vasta maioria, são direcionados aos trâmites políticos. Não apenas a política governamental, mas também a políticas de combate, dos gerais e alto comando dos diferentes exércitos participantes do grande conflito e, sendo a revolta árabe de vital importância para o avanço aliado sobre a Turquia, revolta essa com ajuda britânica, não possuímos uma palavra sequer de Mesquita. Obviamente que, conforme os eventos vão se desenrolando na Turquia, Mesquita aponta mudança de liderança, avanços britânicos, mas sem referência à revolta árabe. Dessa forma caímos na questão deste capítulo, Mesquita negligencia a participação turca ou essa negligência vem dos boletins europeus?

Conforme exposto anteriormente, padecemos de uma falta crônica de fontes turcas e alemãs referentes à campanha otomana. Da mesma forma, poucas são as referências quanto a revolta árabe mesmo por fontes Aliadas. Keegan nos aponta rapidamente algumas passagens que correspondem aos conflitos desencadeados pela revolta árabe, majoritariamente extraídas

⁷⁶ ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P. 160.

da obra *Seven Pillars of Wisdom* do coronel T. E. Lawrence, oficial britânico que coordenou movimentos massivos de tropas árabes dentro dos domínios otomanos⁷⁷.

Todas essas ponderações não respondem a questão apresentada anteriormente, mas com elas podemos verificar as possibilidades. Se a participação dos britânicos até certo momento teve que ser ocultada, podemos pensar que se caso a Inglaterra passasse a transmitir informes da revolta, isso poderia ser uma forte indicação de participação efetiva, o que poderia atrapalhar os planos Aliados. Outra situação possível é o bloqueio linguístico, pois provavelmente haveria informes em árabe informando de situações conflituosas, mas o acesso a tais informações seriam complicadas e provavelmente negligenciadas se considerarmos o posicionamento de Mesquita com relação à confiabilidade da imprensa internacional.

Baseado na obra do coronel T. E. Lawrence, Keegan expõe a importância da campanha da revolta árabe que “*distraiu força de razoável tamanho dos campos de batalha, principais, a Mesopotâmia e a Palestina*”, possibilitando assim o avanço britânico. A historiografia não desvia o devido crédito a participação da revolta árabe para o andamento da guerra na Turquia, assim como o papel do coronel Lawrence nesses embates⁷⁸, mas nenhuma palavra é dita por Mesquita e o nome do oficial britânico não é ao menos citado uma vez sequer ao longo de todos os boletins. Ferguson também faz referências sobre a campanha de Lawrence, principalmente na dificuldade que o referido coronel teve no convencimento das tropas revoltosas em aderir ao combate, pois não lutariam pela Bélgica, França ou Inglaterra, o discurso de Lawrence teve que ser pautado na independência do domínio turco⁷⁹.

Com a agitação no front ocidental, que ao final da guerra contava com mais tropas (desgastadas, é claro) alemãs, mas também os exércitos dos Estados Unidos que tiveram vital importância para a inflexão numérica no cenário de guerra, sem contar a entrada de recursos revitalizantes ao lado dos Aliados, o palco de guerra oriental passa a ser totalmente negligenciado por Mesquita, indevidamente. Tanto foi negligenciado que o jornalista, ao citar um episódio informado pela imprensa Aliada, de que o *Breslau* e o *Goeben*, dois encouraçados que Mesquita menciona que poderiam ter sido negociados da Alemanha para a

⁷⁷ KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, Pp. 366 – 367 e 439 – 441.

⁷⁸ Id. 439 – 441.

⁷⁹ FERGUSON, Niall. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014, P. 320.

Inglaterra⁸⁰, verificamos que segundo Tuchman a ideia de adquirir os encouraçados foi dada devido a Turquia refugiar as duas embarcações em seu domínio, alegando a compra para manter a neutralidade no conflito, ainda na primeira metade de agosto de 1914⁸¹.

Desde o princípio do conflito, quando a Turquia se alia à Alemanha, Mesquita se apoiando em projeções do comando geral das forças dos Aliados, afirmou diversas vezes que a porta para a queda do Império Alemão era a tomada de Constantinopla. Coincidentemente, com a queda da Turquia, pouco depois terminaria a Primeira Grande Guerra. No boletim de 30 de setembro de 1918 Mesquita informa que a Turquia possui um novo sultão⁸², após essa data apenas mais dois boletins seriam publicados, dando como finda essa seção do jornal *O Estado de S. Paulo*.

⁸⁰ MESQUITA, Julio. Forças navais inglesas nos Dardanelos: 28 de janeiro de 1918. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 779. V. 4.

⁸¹ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998, Pp. 181 – 183.

⁸² MESQUITA, Julio. O desespero búlgaro: 30 de setembro de 1918. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 873. V. 4.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Questiono-me se a guerra não é provocada senão pelo único objetivo de permitir ao adulto voltar a ser criança, regredir com alívio à idade das fantasias e dos soldadinhos de chumbo.
M. Tournier

Vimos nas argumentações e exposições anteriores exemplos de discursos totalmente parciais e formadores de opinião nos boletins semanais de Mesquita. Conseguimos atingir uma das finalidades dessa pesquisa que é a tentativa do jornalista de construir uma imagem negativa dos Impérios Centrais, especialmente da Alemanha (como líder do bloco) para os leitores do *O Estado*. Sendo um dos principais objetivos verificar e tentar fundamentar um posicionamento, sobretudo comparado ao de Malatian conforme exposto em seu artigo⁸³ que visa apontar uma tentativa de demonização do Império Alemão por Mesquita. Quanto a esse posicionamento, sem dúvida que existe um discurso do jornalista visando criminalizar os Impérios Centrais e principalmente a Alemanha, propagando a ideia de barbárie e mesmo demonização, entretanto o que me coloco a observar é até que ponto podemos julgar o posicionamento de Mesquita.

Ingenuidade ou partidarismo? O posicionamento de Mesquita com relação aos Impérios Centrais funciona como um pêndulo entre esses dois atributos, sempre que se aproxima de um, é impulsionado em direção ao outro, o que faz com que o posicionamento de Mesquita fique preso nessa engrenagem autossustentável. A ingenuidade: Em várias passagens com referência em citações, apresentei que Mesquita acreditava fielmente na imprensa e serviço de informações dos Aliados, isso por julgar que tais serviços atuassem de forma neutra, como representantes da verdade. O problema dessa crença de Mesquita é mais complicado e grave do que aparenta ser. Como jornalista sério e respeitado que era, Mesquita acreditava na possibilidade de um jornalismo imparcial e neutro. Apresentamos aqui uma situação ambígua no que condiz ao conceito de verdade para o jornalismo e para a história, que são muito distintas. Historiograficamente falando, a verdade histórica absoluta é impossível⁸⁴, sendo verificada então a verdade subjetiva, interpretada Já a verdade para o

⁸³ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

⁸⁴ REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, P. 175.

jornalismo é tido como simplesmente o oposto do falso, os fatos são a representação da verdade⁸⁵. Esse abismo entre o subjetivo e o factual é o fator central para indicar a Ingenuidade de Mesquita. Sendo o autor dos semanários analisados um jornalista, partimos do pressuposto que ele tem uma visão de verdade jornalística, e mesmo boa parte da historiografia da época trabalhava com a ideia de que os documentos exprimem a verdade e falam por eles mesmos. Dessa maneira, a ingenuidade referida é vista como presente por uma visão atual, em que temos infinitas subjetividades guiando os estudos históricos do final do século XX e início do século XXI.

Feita a devida ressalva, a consequência da ingenuidade da abordagem de Mesquita é em relação aos boletins internacionais que direcionam as publicações dos semanários. Obviamente as imprensas de guerra dos países conflitantes na Europa não eram neutras, o envolvimento no esforço de guerra, a defesa dos interesses nacionais além da censura foram mecanismos que movimentaram a geração de notícias parcialistas engajadas da imprensa europeia. Esse parcialismo chega ao Brasil por agências de notícias internacionais e Mesquita realiza o que ele afirma ter se proposto a fazer, interpretar os eventos da semana (informações obtidas por agências internacionais – principalmente inglesa e francesa) e explicá-los ao público. Mas qual a visão transmitida nos boletins de Mesquita? Seria justamente a interpretação das informações já trabalhadas pelas agências de notícias dos Aliados, ou seja, uma interpretação censurada e direcionada, carregadíssima de intencionalidades que se refletem nos textos dos seminários, sem que o jornalista se detenha questionando um possível parcialismo das agências de notícias francesa e inglesa, situação essa que evidencia a ingenuidade do jornalista. Mas essa ingenuidade é considerável, afinal, poucas eram as agências que trabalhava com informes direcionados ao Brasil e ainda Mesquita desconsiderava e/ou desacreditava aqueles que não fossem especialmente inglesas ou francesas, acusando-as de faltar com a verdade ou de apenas publicar o que fosse positivo ao país de origem, ocultando revezes. Contudo, não concordo com a possibilidade de uma neutralidade da imprensa conforme defendido, mesmo com ressalvas por Garambone e Pereira⁸⁶, pois a intencionalidade faz parte de qualquer trabalho, seja físico ou intelectual,

⁸⁵ ROCHA, Heitor Costa Lima da. *Verdade e rigor no jornalismo: a intersubjetividade como referência na construção da notícia*. In. Revista Estudos em Comunicação. Nº 2, Dezembro 2007, Pp. 171 - 183 & COUTINHO, Iluska. *O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo*. In. Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano 1, nº 1. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (sem referência de páginas, acesso em www2.metodista.br/unesco/GCSB/conceito.pdf).

⁸⁶ GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, e PEREIRA, Aline Andrade. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos do

sobretudo nesse último. Nesse ponto o pêndulo da interpretação sobre os semanários corre para o outro lado, o partidatismo. Por isso é que apenas do cruzamento de diferentes pontos de vista através da intersubjetividade é que se pode estabelecer a verdade histórica – sempre provisória e sujeita a ser corrigida.

No início da conflagração Mesquita indica que seu posicionamento é totalmente neutro na conflagração, não querendo tomar partido de um ou outro beligerante. Assumindo que tal posição seja sincera e não apenas para ser bem visto conforme a tendência da época, Mesquita não soube se posicionar conforme desejava. O objetivo dessa análise não é, nem nunca foi, criticar as escolhas e partidatismos de Mesquita, mas sim interpretar o discurso de neutralidade apontado pelo autor que, ao ler a coletânea de boletins semanais, tal postura beira a hipocrisia. Complementando o objetivo desse trabalho, a intenção é interpretar o partidatismo pró-Aliados de Mesquita, mostrar que o jornalista tinha sim a predileção por um dos lados do conflito, mesmo antes de tal posição ser assumida oficialmente.

Qual a consequência do posicionamento de Mesquita em favor dos Aliados? Confesso que em minha primeira leitura dos boletins de Mesquita, o partidatismo do jornalista foi tão forte, que absorto na leitura solta, imprudente, sem compromisso, de apenas estabelecer o primeiro contado com a evidência histórica, cometi o erro de torcer a favor dos Impérios Centrais (mesmo conhecendo os principais eventos do conflito, assim como seu desfecho), apenas para verificar como o jornalista iria conseguir deturpar a ideia da derrota dos Aliados, houve momentos, não poucos, de indignação com a redação de Mesquita. Após esse primeiro contato, as leituras subsequentes foram mais responsáveis pautadas pela intersubjetividade e completas, e foram nessas leituras que pude perceber a parte da minha problemática: Se há uma intenção de criar uma má imagem dos Impérios Centrais, até onde essa intenção é puramente de Mesquita e onde entram as artimanhas da imprensa internacional? Malatian em seu texto, não realiza essa problematização, percebe o forte discurso de Mesquita em favor dos Aliados tentando convencer os leitores de *O Estado* de que a Alemanha seria a grande vilã. Que existe um discurso de convencimento nos boletins de Mesquita, isso é irrefragável, porém o que levou Mesquita a pensar assim? Apenas a sua paixão pela França? Creio que não. Conforme citações apresentadas no início desse texto, como por exemplo, o relato do sargento Stefan Westmann (conforme referência da nota 41) que indica como funcionava a propaganda Aliada contra a Alemanha. Não é difícil compreender o posicionamento de

Mesquita quando percebemos o pêndulo que estabelece sua opinião, ao ter contato com notícias de horrores promovidos pelos alemães, o jornalista assume uma postura mais severa, mais partidária em prol dos Aliados, o que o faz buscar novas coisas contra os Impérios Centrais, que conseqüentemente irá gerar novo reforço do posicionamento que Mesquita sustenta. Sendo assim, não posso afirmar, como Malatian afirma, que exista uma tentativa de demonizar a Alemanha⁸⁷, isso já foi feito pelo governo e imprensa dos Aliados, vejo Mesquita tentando convencer seus leitores de que precisamos apoiar os Aliados para salvar o mundo civilizado desse *demônio*.

Outro problema que vejo quanto ao partidarismo pró-Aliado de Mesquita é justamente a falta de informações de frentes de batalha que o jornalista julga secundárias, como por exemplo, a campanha na Turquia. A falta de informações, a superficialidade das notícias sobre os avanços militares que ocorrem no Império Turco-Otomano são abismais comparadas às notícias do front ocidental. Um exemplo muito simples disso é o enfoque ao ambiente político europeu apresentado nos semanários, principalmente dos países participantes do conflito, e uma simples citação rápida sobre um novo sultão na Turquia (referência da nota 82). A mudança de comando em um dos países envolvidos na guerra mereceria apenas algumas linhas enquanto um discurso político sobre *novas operações* feitas costumeiramente em vários boletins ganham páginas de discussão? Comparo essa passagem de administração Turca que ganhou apenas algumas linhas para citar o ocorrido com a abdicação do rei grego, que ganhou um boletim praticamente apenas para discutir tal evento, porém, sem olvidar que a Grécia passa a apoiar os aliados.

Com relação específica aos turcos, é possível perceber no discurso de Mesquita o preconceito que possui contra a Turquia. Sempre que se refere a esse império, o jornalista realiza alguma depreciação, seja quanto à pobreza, a falta de estrutura, a incapacidade militar, a inocência de se juntar a Alemanha no grande conflito, já que os Impérios Centrais estavam fatalmente fadados a perecer. Em nenhum momento, mesmo nos revezes Aliados, Mesquita reconhece algum valor aos turcos, os sucessos seriam todos atribuídos à Alemanha. Tal posicionamento é relativamente fácil de compreender, até a bibliografia indica a precariedade do Império Turco-Otomano e que sem auxílio alemão, a Turquia pereceria muito rapidamente, mas segundo vários boletins de Mesquita, a condição russa do início da

⁸⁷ MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: Revista Patrimônio e Memória, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.

conflagração não era tão diferente da Turquia, que dependia de armas e munições inglesas, mas ao Império Russo é reconhecido o devido valor, vale lembrar novamente, a Rússia luta pelos Aliados. A referência da nota 70, por exemplo, indica o valor do soldado turco, mesmo com péssimas condições de combate, ainda eram valorosos. Mas retomo o ponto de apoio dessa negligência, além do partidarismo a favor dos Aliados, a falta de informação das agências britânicas e francesas sobre os acontecimentos na Turquia parecem ser a maior causa das poucas informações.

Outro ponto importante é o preconceito religioso apresentado por Mesquita, já no início da guerra, Mesquita se refere que para que Enver Paxá consiga sustentar a guerra (e essa era a esperança alemã também), a Turquia teria que transformar o conflito em uma *jihad* e somente assim conseguiria unir a vasta quantidade de etnias e povos sob domínio turco para o conflito. Isso quer dizer que necessariamente o governo turco iria manipular os diferentes povos para que estes defendessem a posição política do governo, o que não corresponderia aos interesses da população de modo geral. Tal perspectiva também remete a um radicalismo por parte dos maometanos, o que não deixa de ser discriminatório, já que em várias passagens Mesquita indica que o radicalismo do povo alemão em apoiar o pangermanismo deve ser combatido e que todo radicalismo deve ser condenado. Dessa forma o possível radicalismo atribuído aos turcos gera um ponto negativo. Além desse ponto, a conquista de Jerusalém deixa muito clara a posição religiosa de Mesquita, retomando situações até mesmo errôneas sobre as cruzadas do período medieval, referindo à conquista inglesa da cidade sagrada como a final libertação da fé da mão dos islâmicos. Não tenho objetivo em retomar assuntos referentes às cruzadas, mas a história conta que foram os cristãos e não os islâmicos que tentaram monopolizar a terra santa.

Por fim, vejo que posso afirmar que a posição de Mesquita, tanto contra os Impérios Centrais como um todo, como quanto especificamente contra a Turquia, é pautada tanto numa admiração à França (Mesquita foi marcadamente um francófilo) quanto na propaganda Aliada que tentou, com grande sucesso, criar uma imagem de uma Alemanha bárbara, vil, cruel e que precisava ser combatida a todo custo, isso se estendendo aos aliados do pangermanismo. Barbara Tuchman faz uma análise mais crítica sobre a posição da Bélgica no momento da deflagração do conflito. Apontando que apesar de secretos, uma parte do plano de batalha seria claro, a guerra atravessaria a Bélgica, motivo pelo qual os belgas iniciam uma mobilização sem movimentação, ou seja, iniciar a organização do exército, mas não o coloca para defender uma ou outra fronteira. Essa ideia é tratada no capítulo 8 da obra de Tuchman,

Canhões de Agosto, assim como a resposta dada ao ultimato alemão: “– Se devemos ser esmagados, que sejamos esmagados com glória – declarou Bassompierre, expressando o sentimento de todos”⁸⁸. A Turquia como um Império desgastado, moribundo, não mereceria um desgaste de energia para busca de informações, já que seguramente era escassa nos boletins Aliados, sendo os Turco-Otomanos derrotados mesmo antes de entrarem na guerra, segundo a perspectiva de Mesquita.

⁸⁸ TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. P. 118.

FONTES:

MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918) por Julio Mesquita: o primeiro ano*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002.

MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918) por Julio Mesquita: o segundo ano*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002.

MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918) por Julio Mesquita: o terceiro ano*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002.

MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918) por Julio Mesquita: o quarto ano*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira guerra mundial. In MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880 / 1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*. São Paulo: Melhoramentos. 1970.
- CALDEIRA, Jorge. Julio Mesquita, fundador do jornalismo moderno no Brasil. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002, Pp. 21 – 33. V. 1.
- COUTINHO, Iluska. *O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo*. In. Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano 1, nº 1. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (sem referência de páginas, acesso em www2.metodista.br/unesco/GCSB/conceito.pdf).
- BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*. São Paulo: Melhoramentos. 1970.
- EVANS, Martin Marix. *História da primeira guerra mundial: vitória na frente ocidental*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2014.
- FERGUSON, Naill. *O horror da guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2014.
- GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios: 1875 – 1914*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOWARD, Michael Eliot. *A primeira Guerra Mundial*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- KEEGAN, John. *História ilustrada da primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MALATIAN, Teresa. *A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os boletins de guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918)*. In: **Revista Patrimônio e Memória**, V. 9, nº 2. São Paulo: UNESP, 2013, Pp. 205 – 219.
- ORGILL, Douglas. *Tanques – 1918: nascem os blindados*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1979.

LAPOUGE, Gilles. Os boletins semanais de Julio Mesquita. In. MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. P. 15 – 20. V. 1

OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808 – 1930). In. *Revista Historiæ*. V. 2, n. 3, Rio Grande: FURG, 2011, P. 125 – 142.

PEREIRA, Aline Andrade. *A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização das notícias: do título à manchete*. *Jornal da Rede Alcar*, v. 1, PP. 1 – 7, 2013.

_____. *Imprensa e primeira guerra: objetividade e neutralidade nas páginas dos periódicos da época*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. *Anais eletrônicos do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação*, 2012.

REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. *Verdade e rigor no jornalismo: a intersubjetividade como referência na construção da notícia*. In. *Revista Estudos em Comunicação*. Nº 2, Dezembro 2007, Pp. 171 – 183.

RODRIGUES, Luiz Cesar B. *A primeira Guerra Mundial*. 13ª edição. São Paulo: Atual, 1994.

TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

WILLMOTT, H. P. *Primeira guerra mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.